



Auto-Grafando

(Uma leitura de Mundo)

Ano 1 | Número 1 - outubro de 2014



Auto-Grafando

(Uma leitura de Mundo)

Ano 1 | Número 1 - outubro de 2014

Apresentação

A revista Auto-Grafando surgiu da vontade de reunir a produção dos alunos nas aulas de Língua Portuguesa e Formação do Leitor, uma produção autêntica, autoral.

A Aldeia, em sua essência, sempre valorizou a leitura do mundo, na tentativa de despertar no jovem a curiosidade, a vontade de aprender, ampliar, recriar, criar.

Nessas páginas, encontra-se o mundo mágico que, em algum momento, esteve só na mente de nossos meninos e meninas, e que, agora, está materializado em forma de poesia, contos, minicontos, gravuras, desenhos, LITERATURA!

João Cabral de Melo Neto escreveu:

“Quadro nenhum está acabado,
Disse o pintor
Se pode sem fim continuá-lo,
Primeiro, ao além de outro quadro

Que, feito a partir de tal forma,
Tem na tela, oculta uma porta,
Que dá a um corredor
Que leva a outra e a muitas outras”

Do grego *graphien* — escrever — originalmente arranhar, sulcar. As primeiras palavras foram arranhadas, sulcadas na pedra. Primitivo, primordial. Auto – de si mesmo. Auto-Grafando!

E é assim que trabalhamos na Aldeia, abrindo portas, janelas, quebrando muros e recriando jardins, sulcando a essência daquilo que é mais importante, a voz dos nossos alunos.

Essas páginas são nossas: famílias, alunos, professores, funcionários, enfim, Aldeia Curumim!

Mônica Scheer

Sumário

Poetas do mundo – 6º ano

4

Contos que contam Djanira – 7º ano

14

Eternamente
Machado de Assis – 7º ano

21

Minicontos – 8º ano
um encontro com Ariano Suassuna

24

Na mira da lupa – 8º ano
Contos policiais

28

Intervenções para um
mundo melhor – 8º ano

40

Poetas do Mundo



Uma turminha muito espevitada
Este ano conheci,
Mas com o tempo e o convívio
Acabei me acostumando e com eles muito me diverti.

Descobri neste 6º ano
Um grupo de alunos muito criativos e inteligentes
De grandes poetas mirins
Que surpreenderão e deixarão todos contentes.

Durante todo o tempo juntos
No curso de Formação do Leitor
Entreguei-lhes muitas tarefas
E cada um se tornou um pequeno grande autor.

De diferentes pessoas conheceram as poesias
Que falam de sonhos, tristezas, saudades e alegrias
Como as de José Paulo Paes, Machado de Assis, Elias José,
Vinícius de Moraes, Ruth Rocha e Patativa do Assaré.

Ah! Teve Drummond, Fernando Pessoa, Sílvio Romeu,
Cecília Meireles, Ricardo Azevedo e Casimiro de Abreu.
Marina Colasanti e Sérgio Caparelli também entram na lista
Com outros bons poetas a se perder de vista.

Muitos poemas os alunos interpretaram,
E, na escrita, de um jeito novo o mundo apresentaram.
Nesse gênero literário conheceram as métricas, as rimas,
E até se lembraram de parlendas, cantigas de roda e trava-línguas.

Brincaram com as palavras e os sons exploraram,
Com muito afincamento garanto que trabalharam,
Muito orgulhosa estou, essa é a verdade,
Aqui, no papel, verão que seus sonhos se tornaram realidade!

(Professora Ivi Barile)

Passeio

Eu fui em Sana
Me diverti muito e comi manga
Foi muito legal
Pois me diverti com o pessoal

Escalei cachoeira
Mergulhei na lagoa
Ouvi os grilos cantando
E reclamei dos mosquitos picando

Natureza que encanta
Céu, sol, amigos, diversão
Sana é um paraíso
Que roubou meu coração!

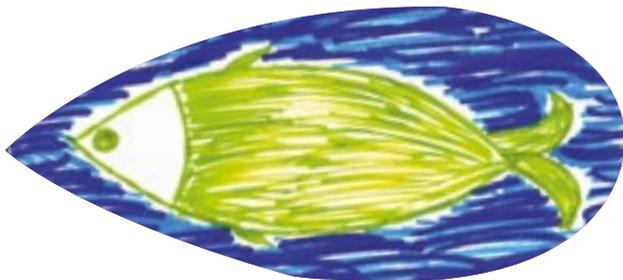
(Amanda Rodrigues)



Sonho de herói

Quero nadar nos seus olhos azulados
Como um beijo apaixonado
E nadar no mar esverdeado
Como um peixinho desesperado

(Duda Alves)



O amor

O amor é como uma pena
Como sua pele, serena
E como os teus olhos, gracioso

O teu olhar é tão belo
Que quando o amor chega perto
O ódio vai embora, medroso.

(Ana Beatriz Fortes)

Eu amo Cheetos

Cheetos, sem você vou enlouquecer!
Te vejo, mas não posso te ter
E a cada dia aumenta o meu sofrer.

Só alimentos saudáveis minha mãe diz que posso comer
E nem sexta-feira eu posso querer
O meu amado cheetos.

Só em sonhos mesmo pra te ver,
Meu favorito!

(Chico)



Sonhos

Imagine ir para um mundo paralelo
Ou voltar para o passado
Como seria bom um mundo de caramelo
Ou um espelho encantado

Ah! Como quero ter asas
Para poder ir para onde eu quiser
Ter mais de uma casa
Ou ir para um lugar qualquer

(Analu)

Sonho de jogador

Vou futebol jogar
O hino cantar
A linda camisa usar
No gramado andar
Buscar não errar
O oponente driblar
A bola chutar
O gol marcar
Para,
enfim,
a torcida animar!

(Jorjão da Paraíba)



Vou ganhar

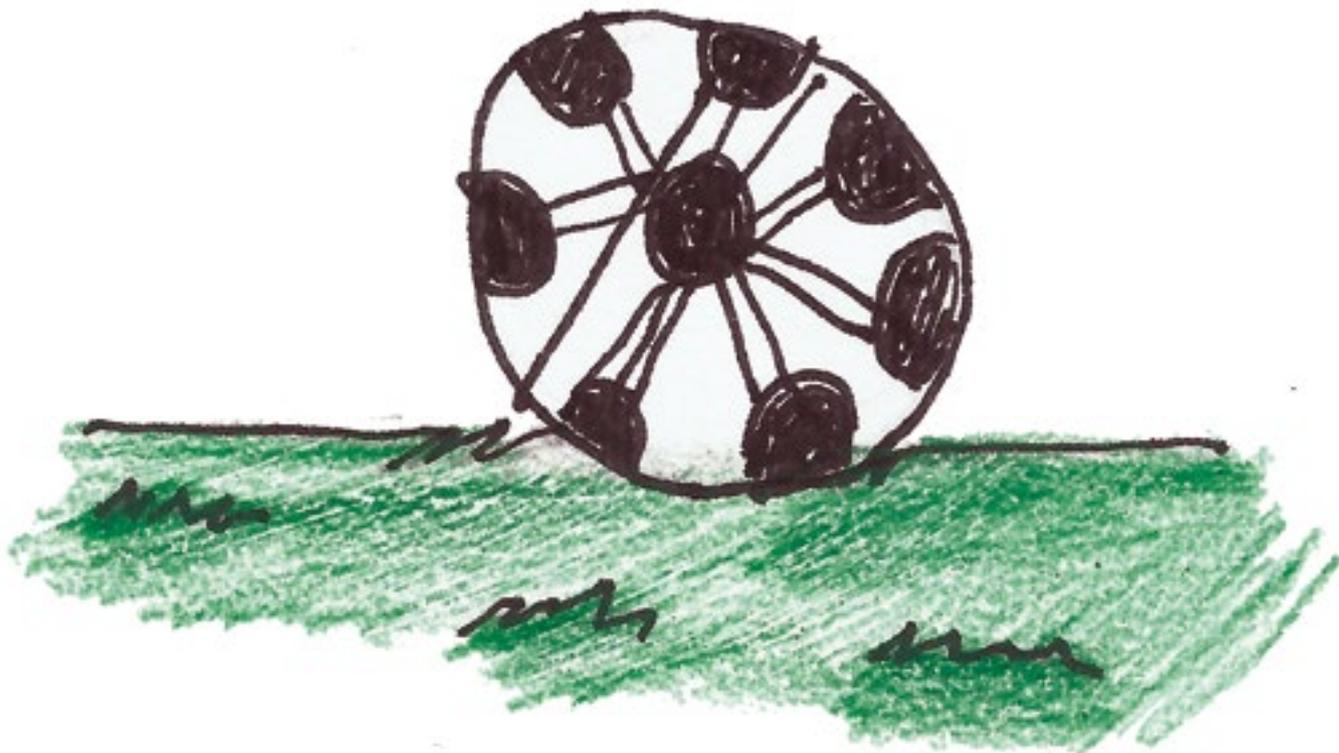
Meu sonho é chutar
E o gol acertar
Depois, mais vou jogar
Para um bom placar marcar
Até eu ganhar
E a plateia se encantar
E, enfim, poderei comemorar!

(Samuel Gonçalves)

Videogame

Em minha casa jogo games
Deitado no sofá, sem tênis
Disputo jogos antigos
Com os meus melhores amigos
Gosto de MMORPG
Que tem missões para sobreviver.

(Jeca Soares)





Tigre

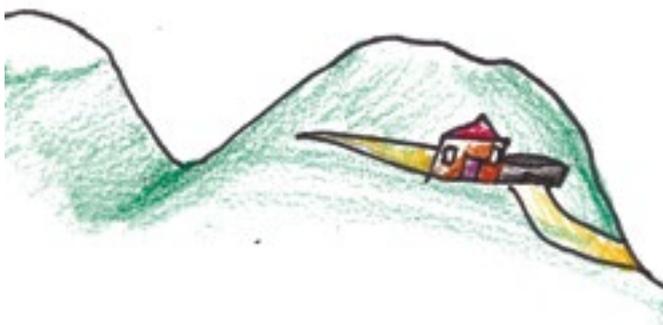
Se eu fosse um animal
Escolheria um tigre da neve
Moraria no Polo Norte
E teria passos leves
Seria um caçador de presas grandes
E como um tigre dentre-de sabre, semelhante.

(João Queiroz)

Meu sonho

Adoraria morar
No ar
Ou no mar
Adoraria comer até não aguentar
Sem engordar
Voar
Sem cair
Para não chorar...

(Aninha Telles)



Amor de filhotinho

Amor de filhotinho.
Da galinha pelos ovinhos
Da vaca pelos bezerrinhos
Da égua para o potrinho

Amor de família.
Da mãe para a filha,
Dos filhos para o paizão...
Amor do fundo do coração!

(Guilherme Toledo)

Dentro de um sonho

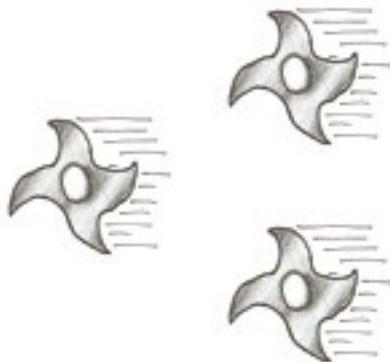
Quero navegar pelo mar,
Onde possa velejar
Com a pessoa que estou a amar
Ou pelo menos a gostar

Não consigo pensar
Em um lugar para parar
Para ficar com os amigos
E brincar até cansar

Pensando nisso
Fiquei confuso
Nesse pequeno mundo
Onde tudo se pode imaginar.

(Gustavo Lira)

Receita para ser um ninja



Ingredientes:
3 xícaras de adrenalina
2 kg de força
1 kg de golpes mortais
2 xícaras de agilidade
7 colheres de armas afiadas
1 xícara de paciência



Modo de Preparo:

Pegue 1 xícara de paciência e misture com 2 xícaras de agilidade. Depois leve para a panela em fogo baixo e misture as armas afiadas e os 2 quilos de força. Mexa bem até levantar fervura. Ao final, acrescente as 3 xícaras de adrenalina e espere esfriar. Sirva em seguida.

Rendimento: 7 porções. (Use com moderação!)

(João Queiroz)

Notas de amor

Teus lábios delíam meus sonhos
Teus olhos me dão calor
Rosas me lembram de ti

Não aguento mais...

Só sei avaliar o seu sorriso se for pra mim
Cadernos com poemas de amor...
E você me escrevendo toda hora sem-fim,
Por isso só você me faz feliz assim!

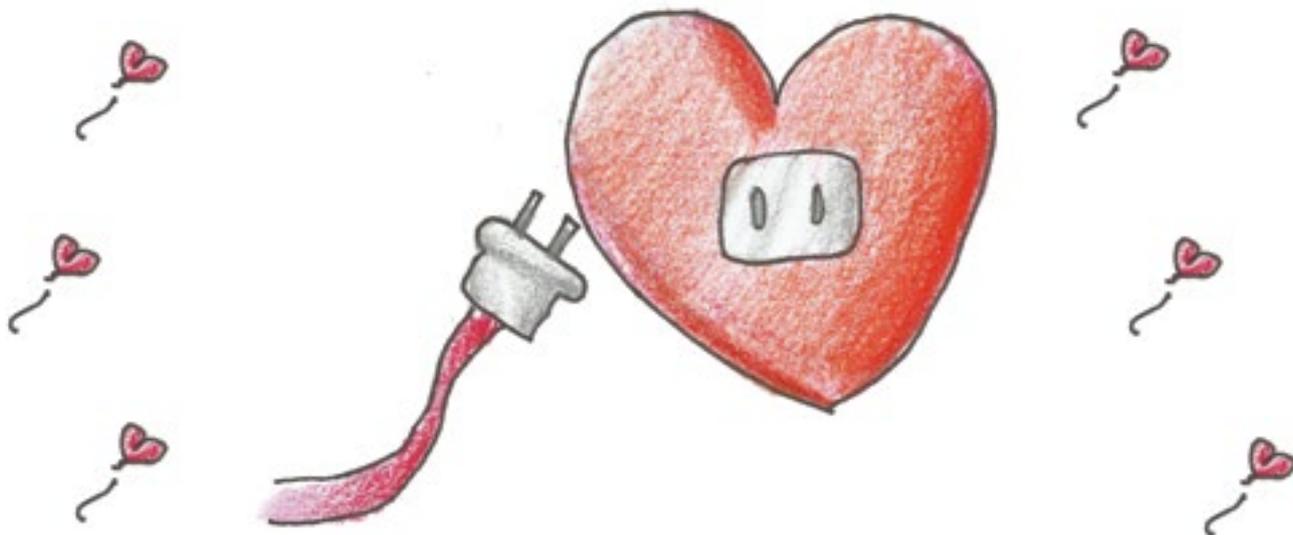
(Ana Clara)

Um amor verdadeiro

Quando uma pessoa fica apaixonada
Ela fica bem ligada
Se ela conquista essa pessoa
Fica feliz rindo à toa

Depois de muito se ver
Vão buscar ter casa própria
E se isso acontecer
É casamento na hora!

(Neon Blue)



Disney

Lugar mágico, a Disney,
Com personagens incríveis,
Parques maravilhosos
E montanhas russas iradas
Para se divertir
e dar boas gargalhadas

Alegria garantida
Vontade de retornar
Onde te esperam Mickey, Minnie, Pateta
E tudo o que você possa imaginar

Agora só posso sonhar
Com o dia de voltar
Guardando lindas lembranças
Daquele mágico lugar!

(Luisa Castro)



Ser criança é muito bom!

Minha vida de criança
É cheia de esperança
E também é mágica e doce
Por isso não queria que se fosse...

Passa rápida como o vento
E nem dá para parar o tempo
É um período de muitas provas e deveres,
Porém também tem seus grandes prazeres.

(Pedro Lima)



Preguiça, preguiiiiça...

Se eu fosse um animal
Gostaria de ser um bicho preguiça
Ficaria só descansado, relaxando
E na vida pensando
Sair andando não mais precisaria
Ficaria comendo folhas
E nos galhos das árvores deitaria.

(Chico)

Quadro

Gostaria de estar em uma montanha
Com gramas verdes
Como um quadro de Monet
Cercada por rosas vermelhas
E com a brisa do mar só para mim

O vento batendo em meus cabelos
Diz em meus ouvidos
Um recado de amor
Que mandaram me contar
Através de um querubim

(Ana Clara)





Canção do amor

Às vezes olho em volta e só vejo o seu olhar
E de repente começo a sonhar...
Ouço uma bela canção
E reparo em um passarinho a cantar.

E se eu falar mais de você
Posso entristecer,
Por isso fico aqui pensando
Nessa canção de amor até o amanhecer.

(Giovanna)



Poema de amor

Um dia ao amanhecer
Quando olhei para você
Meu coração começou a disparar
E não consegui parar de te olhar
Sem saber o que senti
Confusa e intacta fiquei ali
Depois, pensando naquilo tudo, sorri
Misturadas sensações
Emoção, euforia e agonia
E de repente eu entendi
Só podia ser amor, que maravilha!

(Malia Hale)

O lugar onde vivo

O lugar onde vivo
É sempre florido
Cheio de planta
Já apareceu até uma anta
O cheiro da natureza
É a mais pura riqueza

O lugar onde eu vivo
É o ambiente que mais admiro
Lá moram os meus amigos
Que sempre ficam comigo
E o canto dos passarinhos
Escuto pelos caminhos

No lugar onde vivo...

(Analu)





País que mais gosto: Cuba

Cuba é muito bom
Tem coisas de montão
Quer lazer? Vai pra lá!
Muitas palmeiras e casas de palafita
Que te ajudam a sonhar.

Cuba faz muito bem
Tem que ir pra lá, tem
Que descansar em
redes pertinho do mar

Cuba é uma ilha
Que fica na América Central
Tem um lindo visual
E achei bem legal!

(Fidel)

Dois presentes

Um menino bem arrumado
Passava pelas ruas se perguntando
“O que dou a ela?”
Então viu em uma loja
Uma bolsa bem bonita de pano
“Ela vai adorar!”
Correu atrás de sua amada
e encontrou-a sozinha,
Parecia triste...
Ele lhe estende o presente
E, ao vê-lo,
Ela volta a ser feliz!

(Isabella Martins)

Minha melhor viagem

Minha melhor viagem
Foi para o Morro de São Paulo
Lá em Salvador
Onde tem bastante pescador
E lugar para nadar a vontade

Eu até senti dor
De tanto brincar de nadador
Quero logo voltar para lá
Pois é um lugar bastante acolhedor,
Mas por enquanto fico a sonhar...

(Ramon)



Minha querida Cabo Frio

Oh! Linda cidade,
Com praias e um forte
De nascer neste lugar tive sorte
E irei para lá até a melhor idade
Pois as ruas são limpas
E suas vistas lindas!

Oh! Linda cidade,
Não perca sua beleza
E continue com sua bela natureza...
Lá eu tenho pinta de surfista
Me bronzeio e fico na pista.

Cabo Frio, minha eterna felicidade!

(Pedro Lima)



Sonho meu

Tenho o sonho de ser ator
E de muito viajar.
Tudo o que me vem à cabeça
Faz parte da arte de imaginar.

Gostaria de poder voar
Ou de apenas flutuar
Tanto faz se posso ou não posso
Apenas quero poder explorar
Para poder retornar para o meu lugar...

O meu cantinho...
O meu sonho de menino.

(Bruno Barros)

Uma dúzia de coisinhas a toa que me deixam feliz

Anime ver, miojo comer, felicidade obter.
Com a família ficar, no computador explorar, a sor-
veteria visitar.
Brincadeiras fazer, maluquice ter, carinho receber.
Videogame jogar, Fairy Tail amar e com os animais
brincar.

(Catharina)

Sonhos de menino

Eu queria encontrar uma casa de doces
Feita de jujubas, bombons, chicletes e caramelos
Comeria tudinho e não deixaria nem um farelo!

Também entrar em um jogo de videogame
Para brincar de perseguição com meus amigos
E me divertir em meio a tanto perigo.

E voar? Isso seria muito bom!
Pelas nuvens passear e tudo observar.
Como isso não acontece, fico aqui a sonhar...

(Victor Muniz)

Neverland

Meu sonho é passar por um portal
E chegar a Neverland
Que nem um animal
Explorador e independente

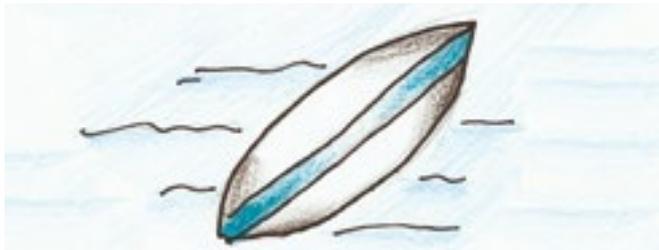
Voar por cima de tudo
E me desligar do mundo
Curtindo o que vejo somente
Ouvindo música e voando sobre meu skate.

(Amanda Rodrigues)

A sua beleza

O mar é bonito
É legal de se ver
Mesmo assim acredito
Que não se compara a você

Pois você é linda
E sem te ver eu sinto dor
Prefiro sentir a sua vinda
Que é quando começa a fluir o amor
(Jeca Soares)



Itacoatiara

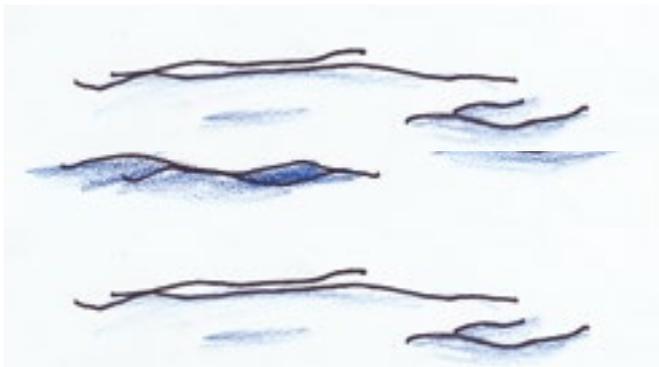
A onda bate,
Enquanto o vento sopra,
Enquanto o homem surfa,
Enquanto a menina mergulha.

A praia de Itacoatiara é um paraíso.

Nadar,
ver a vovó
e saborear seu belo mousse de maracujá.

Logo a mamãe grita
"Filha, vamos já!"
E minha felicidade
Acaba ficando lá.

(Giovanna)



A ilha misteriosa

Meu sonho é morar numa ilha
Só minha
Com os meus amigos e muitos bichos
Como macacos, pássaros e bichos-preguiça

Com campo de futebol para jogar
E um mar de sereias para conversar
Neste lugar, muitas cambalhotas irei dar
Até o sol amanhecer
E sempre aproveitarei bem os dias
Feliz da vida

É lá que quero estar até morrer.
(Davi)



Caça ao tesouro

O meu sonho é ir para a Terra do Nunca
E navegar por todo o seu oceano
Em um imenso navio
Com toda a minha família explorando

Com uma espada mágica voaria
E quando os piratas atirassem o canhão
Eu os venceria

Como num jogo de competição

(Guilherme Toledo)



Contos que contam Djanira



Djanira Mota e Silva,

Mais conhecida como Djanira, descendente de austríacos e índios guaranis, foi lavradora, vendedora ambulante, modista, cozinheira. Ainda bem nova contraiu tuberculose e no hospital teve seu primeiro contato com os pincéis e os encontraria novamente quando, dona de uma pensão em Santa Teresa, no Rio de Janeiro, alugava quartos para estudantes de pintura, alguns refugiados de guerra. Assim conheceu o romeno Emeric Marcier, que trocou casa e comida por aulas de arte. Com ele aprendeu técnicas sofisticadas, mas manteve-se fiel ao seu gênero simples.

Viajou pelo Brasil colhendo imagens do cotidiano do pescador, do lavrador, do homem da cidade, das festas religiosas.

Pintora do Brasil e do brasileiro. Reveladora da essência de um povo cheio de cor e com muita história para contar, tornou-se uma das maiores referências da pintura brasileira.

Seus quadros são a expressão dessa mulher que carregava o Brasil castigado, porém esperançoso, dos homens de vida simples e da crença no poder de Deus em suas telas cheias de cores e vida.

Lendo os quadros dessa incrível artista, nossos escritores mergulharam num mundo de ficção e realidade – que só uma obra tal qual a dela possui. Exploraram o colorido intenso, suas fases, seu lado criança, seu lado mulher – brasileira –, questionaram sua visão do divino. E reinventaram personagens, cenas, cidades em suas despretensiosas narrativas, que agora oferecemos a você, leitor, em uma homenagem ao centenário dessa poetisa das telas.



Mônica Scheer

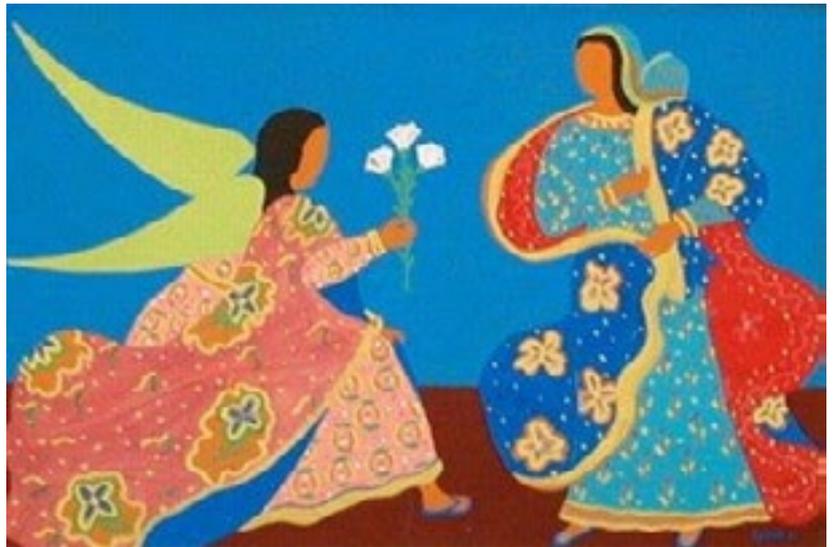
Divino

Havia um anjo chamado Lucas que era apaixonado por uma deusa chamada Júlia. Júlia também gostava dele, mas esse amor era impossível, porque havia uma regra no céu, onde habitavam os deuses e os anjos, que não permitia, de forma alguma, relação entre eles.

Lucas procurou Daniel, seu amigo, para ver se havia alguma maneira de eles terminarem juntos. Mas o que ele não sabia é que Daniel também gostava de Júlia e podia ficar com ela, pois Daniel era um deus como ela.

Para fazer com que ele fosse o único na disputa pelo amor da deusa, Daniel mandou Lucas buscar uma flor na Terra, a suposta flor preferida da deusa Júlia. Mas a ida à Terra não tinha volta, era outra regra, só que Lucas, infelizmente, não a conhecia. E ele já estava decidido: iria à Terra buscar a flor e provar seu amor por ela.

Então foi à Terra e, após alguns dias de intensa procura, finalmente achou a tão desejada flor. Arrumou seus pertences e estava voltando para o céu, mas não conseguia passar pela fronteira. Na tentativa, quebrou um pedaço de sua asa. Dessa forma, nem voar conseguia. Fez vários curativos até a asa se recuperar. Um dia ele acordou e sua asa estava ali, inteirinha novamente, percebeu uma força dentro de si. Foi até a fronteira e, de repente, abriu-se um portal por onde conseguiu passar. Não sabia o que era, mas já estava muito feliz por não ter que ficar preso na Terra.



Foi direto encontrar a amada deusa, mas a flor já estava murcha. Ficou um pouco chateado, mas mesmo assim foi. Quando chegou, pediu a deusa em casamento. Ela demorou um pouco a responder e ele achou que aquilo significava um não, e falou:

— Você não gostou da flor, não é? É, eu já sei, não precisa falar nada, eu vou embora, eu não a mereço.

— Eu amei a flor! — disse-lhe ela — Não vai ser um objeto que vai mudar meu amor por você. Eu te amo de verdade.

Passados uns dias...

Daniel foi visitá-los e confessou que havia tentado separá-los.

Disse-lhes que se arrependera e fora aos deuses contar sua traição com seu melhor amigo. Pediu então aos deuses que o punissem e eles acharam que a melhor punição seria permitir que Daniel pudesse voltar da Terra. Os deuses então criaram um portal mágico e foi assim que Daniel retornou.

Aliviado por ter feito a coisa certa, o amigo pediu-lhes perdão.

Diante de tantas provas, deuses e anjos decidiram que o amor pode mais que as regras, e permitiram que se casassem.

Carolina, Maria Clara, Camila, Nuno e Leonardo

O circo

Havia um circo no sertão nordestino, e lá todos eram felizes e ninguém sabia o que era tristeza. Havia várias atrações, mas a preferida de Flora era um elefante, indomável, o mais belo e o mais esguio de todos os animais. Todos adoravam aquele circo, alguns até diziam que ele era encantado por ter tanta felicidade!

Um dia nublado, um dia horroroso. Vieram homens, queimaram o circo, estupraram as mulheres, mataram os homens e os animais. Mas aquele elefante belo e esguio puxou a menininha pequena e frágil para junto dele e levou-a embora para um lugar seguro.



Ela cresceu e virou uma linda mulher, muito gentil. E ela sempre se perguntava como aquele elefante indomável conseguia sobreviver naquele sertão seco e sem vegetação, sentia falta de seu pai.

Passaram fome e sede, mas a cada dia que passava mais forte se sentia, pois sempre podia contar com o elefante ao seu lado.

Mas um dia todo esse sofrimento se calou. Um homem lindo e muito gentil, guiando pesquisadores pelo sertão castigado, chegou até ela e falou:

— Você está perdida? Quer ajuda?

— Não, eu moro aqui com meu elefante. — Apontando para o elefante.

— Há! Que engraçado, nunca vi ninguém morar com um elefante!

— É... É um pouco engraçado mesmo... Mas é uma longa história.

Ele perguntou se ela gostaria de andar de jipe em um passeio, ela aceitou e pediu para o elefante voltar pra casa enquanto ia andar de jipe com o guia.

Foi amor à primeira vista. Conversaram, riram muito e, é lógico, apaixonaram-se. Após muitos encontros e muitos beijos, ele pediu sua mão e, como previsto, ela aceitou.

O casamento foi lindo, tão lindo que ninguém nunca mais esqueceu. Afinal, o convidado de honra era um elefante.

Ele não tinha muito dinheiro, morava em uma fazendinha, onde havia cabras, micos, cachorros e, agora, um elefante. Um dia decidiram montar outro circo para relembrar os velhos tempos.

A novidade se espalhou por todo o sertão: "Ouviu falar no novo circo?", "Quero muito conhecê-lo!", "Faz tempo que não temos circos...", cochichavam as pessoas. Cartazes habitavam todos os lugares.

Um belo dia, Flora e seu marido estavam em casa, quando uma surpresa chegou:

Toc toc toc! — Bateram na porta. Flora foi atender. Quando abriu, viu um homem velho, mas em boa forma, bem vestido a quem reconheceu na mesma hora.

— Papai!! — Disse Flora com lágrimas nos olhos.

— Minha filha, como você cresceu! Que saudades que tive, pensava que estava morta!

— Pai, como conseguiu me encontrar? O senhor está bem?

— Eu vi um cartaz do seu circo, e vim correndo! Eu estou ótimo e você?

— Melhor agora!

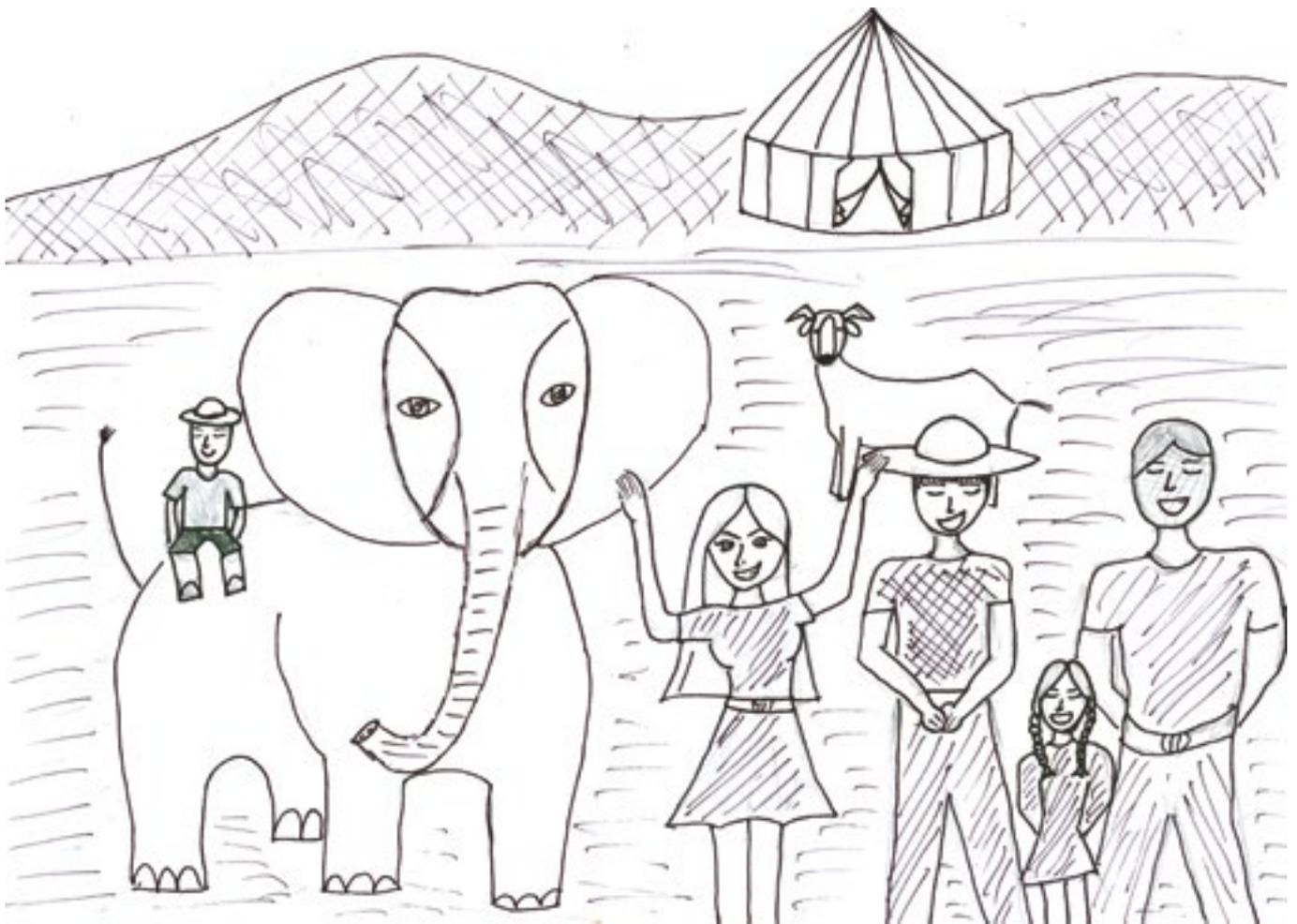
— Meu amor, quem está na porta? — Perguntou o marido.

— Venha até aqui! — Disse Flora — Tem alguém que quero te apresentar!

Todos conversaram, os filhos abraçaram o avô sumido. Foi um dia feliz, mas triste também, Flora descobriu que sua mãe havia morrido três anos depois do acidente no circo. Flora chorou.

Passaram-se anos. Todos felizes com o circo e com a família reunida. Mas, um dia, tudo mudou. O elefante indomável, belo e esguio, morreu deixando buracos no coração de todos, que nunca poderiam ser fechados. Flora sabia que ele a havia salvado da morte e somente por causa dele agora todos estavam reunidos novamente e felizes.

Maria Júlia, Laura, Sofia e Morena



O flautista

Gabriel perdeu sua família na seca do Nordeste, e sua única herança foi uma flauta.

Ele decidiu que não iria morrer do mesmo jeito que a família e então foi para a Cidade Maravilhosa, mas não imaginou que seria tão difícil achar uma moradia e um trabalho.

Quando estava andando pelas ruas do centro, na esperança de encontrar um trabalho, viu um homem tocando violão e recebendo um dinheiro de quem passava e gostava. Decidiu que ia fazer a mesma coisa com sua flauta.



Não conseguiu, de início, muita coisa com sua música, com sua flauta, mas um dia, um dono de bar ofereceu-lhe uma oportunidade, uma apresentação em seu bar, com garantia de ganhar um pouco de dinheiro. No dia do show, deu tudo certo e o dono do bar chamou Gabriel para outro show.

Nesta segunda apresentação, havia um homem na plateia, Daniel, um produtor musical, que se encantou com Gabriel e convidou-o para gravar uma música. Gabriel não podia acreditar. As portas estavam se abrindo para ele. Era a flauta, única herança.

Gabriel não conhecia muito a cidade e, então, pediu a Daniel que lhe mostrasse tudo e o ajudasse a encontrar uma casa. Daniel acabou convidando-o a morar com ele e Gabriel não hesitou, estava cansado das pensões sujas em que vivia.

Gabriel continuou fazendo shows em bares com sua flauta. Ficou feliz desse jeito, mas ele sabia que o caminho era longo para ele e sua flauta.

Gabriel, Pedro Corrêa e Pedro Villela





Como se dar bem na vida

Numa sexta-feira qualquer, um garotinho nasceu. Ele era gordinho e fofo. Seus pais lhe deram o nome de Lucca Gregório, mas o seu apelido foi “Bolinha”. Eles viviam em um bairro nobre do Rio de Janeiro, em uma casa bem grande. Bolinha tinha a vida perfeita até seus oito anos de idade, quando ele entrou em uma escola muito popular do Rio, a “Escola Naval”.

Ele entrou lá adiantado, no 5º ano, pois era muito esperto. Até os oito anos ele estudava em casa, com professores particulares, não estava habituado ao convívio com outros meninos. Na escola naval ele sofreu bastante, sofria bullying por ser gordinho. Seu melhor amigo, Lustra, era popular, pois seu pai era dono de um restaurante conhecido na Zona Sul, mas acabou sofrendo também por andar com Bolinha.

Um dia, em sua escola, Bolinha e Lustra estavam andando pelo pátio depois da Educação Física, indo para o vestiário tomar banho, quando os dois foram pegos de surpresa. Saíram do banho e perceberam que suas roupas não estavam ali. Tiveram que sair de toalha pelo pátio e, na hora em que entraram na sala de aula daquele jeito, todos riram. Eles recuperaram as roupas, mas foram suspensos por andarem pela escola quase nus.

E foi assim durante toda a sua infância, até que Bolinha passou a fazer natação. Saiu-se tão bem que, após ter sido campeão mundial, ganhou uma bolsa em Harvard.

Fez doutorado em Administração de empresas e pós-doutorado em Marketing. Com 30 anos ele se tornou Diretor de Vendas da Apple.

Um dia, verificando a lista de funcionários, notou que seus antigos colegas, os que faziam bullying, estavam trabalhando para ele. E aí surgiu o desejo de vingança!

Ele os encontrou e falou que eles seriam transferidos para o setor de faxina, como um teste para saber se eles tinham o perfil da empresa. Eles aceitaram achando tratar-se de algo temporário.

No dia seguinte, Bolinha começou a sujar o banheiro para fazer com que eles tivessem que limpar, a derramar o café na cozinha para sujar o chão, também exigia hora extra sem pagar por ela, porque o chão não estava completamente limpo ou porque o banheiro fedia. Ele até os ameaçou de demissão várias vezes.

Depois de uma semana, eles reclamaram e o acusaram de estar fazendo bullying com eles, mas Bolinha não se importou com o que eles falaram. Ele chegou em casa e falou com a mulher sobre isso, mas ela não teve a mesma opinião. Ela brigou com ele falando que aquilo era injusto com os funcionários, mesmo que fossem os colegas da escola que tanto o fizeram sofrer, que eles tinham família para cuidar. Ele ficou muito estressado e foi dormir no sofá.

No dia seguinte, ele chegou e recebeu a notícia de que seus antigos conhecidos tinham falado com o Presidente da Apple e que este havia demitido Bolinha. Ele chegou em casa desesperado e só aí repensou nos seus atos. Marcou um encontro e todos eles pediram desculpas um para o outro.

Isso não apagava o passado, mas de alguma forma mudava o presente.

De sua cobertura em Copacabana, finalmente Bolinha apreciou a vista sem raiva no coração. Como era linda aquela cidade!

João Pedro, Victor Hugo, Luisa e Noah



Eternamente Machado de Assis

1839. Morro do Livramento. Rio de Janeiro. Nasce Joaquim Maria. Filho de pessoas modestas, bisneto de escravos. Quem poderia imaginar que acabara de nascer aquele que se tornaria o maior escritor brasileiro de todos os tempos? Quando lhe perguntavam como um menino humilde, pobre, mulato tornou-se o consagrado Machado de Assis, ele dizia:

“...aponto-lhe o melhor dos mestres, o estudo; e a melhor das disciplinas, o trabalho. Estudo, trabalho e talento são a tríplice arma com que se conquista o triunfo.”

Os alunos do 7º ano estrearam a leitura de Machado com um de seus textos alegóricos, O Apólogo. No conto, uma linha e uma agulha discutem sobre a importância de cada uma na execução do vestido da baronesa. O debate revela a vaidade das personagens. Ao final, o leitor identifica, na alegoria, uma face nada incomum do ser humano, objetivo maior da narrativa machadiana: desnudar o homem e a sociedade que o cerca.

Esse é um dos mistérios do escritor que ficou conhecido como o Bruxo do Cosme Velho, sua percepção de mundo, das classes, dos homens, aliada a um estilo sedutor de entreter o leitor e fazer com que este sinta que viveu uma experiência inesquecível.

E foi a partir dessa leitura e dos debates que ela propiciou que nossos escritores recriaram O Apólogo machadiano, sem perder a essência da narrativa envolvente, metafórica e reflexiva.

Esperamos que o leitor esteja preparado para mais uma experiência inesquecível!

Mônica Scheer



O Carregador e a Base

Era uma vez um cabo e uma base de carregador que viviam se alfinetando.

— Por que você fica se exibindo para os outros achando que é melhor que eu? — Perguntou a base ao cabo.

— Não enche, eu sou tão importante quanto você! — exclamou o cabo.

— Ah, é? Mas acontece que se não fosse pela minha energia, você não faria nada. — Disse a base.

— Mas a energia não é sua, você é apenas acessório para que eu possa carregar o celular de energia.

— Mas sem mim você não teria energia, pois sou eu que entro na tomada.

— Ora, eu sou um cabo USB, posso me conectar ao computador.

— Mas, e se o computador estiver estragado?

— E se não tiver energia? — retrucou o cabo.

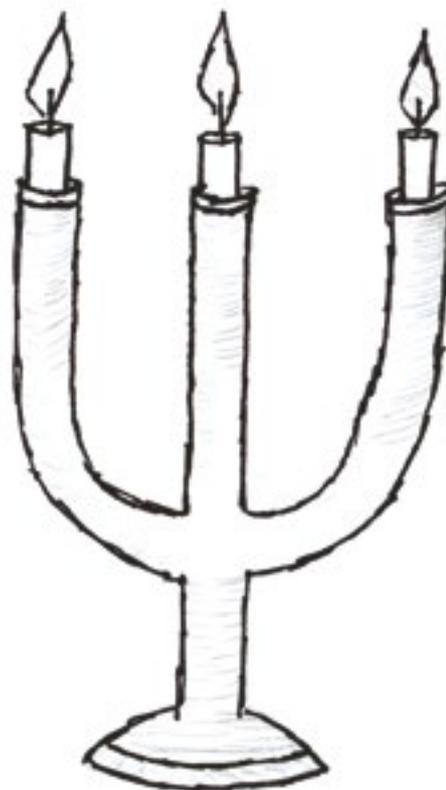
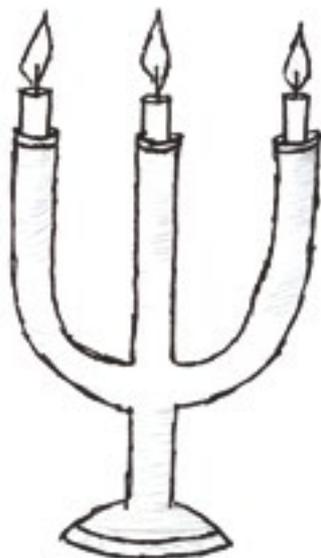
— Ah, então vamos chamar o celular para resolver esse problema! — Falaram juntos.

Depois de algum tempo...

— Que discussão mais sem sentido! EU sou o mais importante!!! Sem mim vocês não são nada! EU que sou usado, EU tenho jogos, EU transmito informações, EU uno as pessoas!

O carregador e a base voltaram para a caixinha cabisbaixos e nunca mais discutiram o assunto.

Carolina, Laura, Camila e Maria Clara



O Castiçal e a Vela

Em uma bela noite, em cima de uma linda mesa, a vela vaidosa falou para o castiçal em que se encontrava apoiada.

— Você sabia que eu sou mais importante que você?

— Claro que não! Se não fosse por mim você não estaria aqui!

— Claro que eu estaria. Você é apenas o meu suporte!

— Mas eu ficarei nessa mesa por muito mais tempo, pois você sempre será substituída.

— Mas eu brilho mais!

— Quanto mais você brilhar, mais desaparecerá! — falou o castiçal com cara de desdém.

— Como você sabe?

— Muitas velas já passaram por mim, você é só mais uma!

— Mas o motivo de você estar aqui sou eu!

— Mas eu é que te deixo bela, melhor um castiçal sem vela do que uma vela sem castiçal!

A mesa, ouvindo tudo isso, até então quieta, não aguentou e falou:

— Vocês dois fiquem quietos! Se não fosse por mim vocês estariam no chão!

Sofia, Laura, Morena e Maria Júlia



A chuteira e a Bola

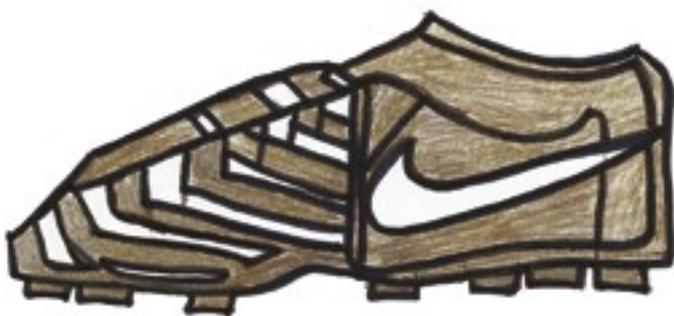
- Vou te chutar tão forte que você vai chorar!
- Eu não choro, eu sou forte e vou para o gol. É você que não sabe voar.
- Eu não sei voar, mas fico no pé do craque, eu o vejo todo dia.
- Eu também, só que a cada dia vejo um craque diferente.
- Mesmo assim sou muito mais importante que você, sua bola inútil.
- Não é não, sem mim não dá para jogar. O que é um jogo de futebol sem uma bola?

Quando entraram no gramado para iniciarem o jogo, ouvem o gramado dizer:

- Parem com essa discussão ridícula! Os dois são iguais em importância. Sem a bola não há como jogar e, sem chuteira, os pés se machucam.

A chuteira e a bola se conformam e o apito do juiz marca o início da partida.

Noah, Léo, Nuno e Vilella



A TV e o Play

Em um dia comum como todos os outros, Pedro chegou de sua escola e foi direto para frente da TV a fim de jogar seu Play 3. Sempre que a TV e o Play 3 estavam ligados, discutiam, mas dessa vez a discussão foi feia. O Play 3 começou:

— TV, já estou farto disso! Você fica passando a minha imagem enquanto eu faço todo o trabalho difícil.

A TV, como é sábia, deu uma resposta esperta:

— Olha, meu caro, se não fosse por mim, a imagem não seria produzida e seu jogo não faria o menor sentido.

— E daí? Eu sou o jogo mais usado por todos. — disse o Play 3.

— Hahahaha! Você está de bobeira. Um dia desses houve a estreia do Play 4, acho que você será substituído em breve! — fala a TV toda orgulhosa.

E a TV estava certa e super certa! Quarenta e três minutos depois, chegou uma encomenda na casa de Pedro. O menino abriu o pacote de papelão, enorme. Era o novo Play 4. Pedro correu para instalá-lo e a TV disse: — É, Play 3, eu disse a você, os Plays vão e não voltam, mas as TVs ficam...

João Pedro, Gabriel, Pedro Corrêa e Victor Hugo





Minicontos - um encontro com Ariano Suassuna

“Tenho duas armas para lutar contra o desespero, a tristeza e até a morte: o riso a cavalo e o galope do sonho. É com isso que enfrento essa dura e fascinante tarefa de viver.” (Ariano Suassuna)

Nascido na cidade da Paraíba, atual João Pessoa, em 16 de junho de 1927, Ariano Suassuna nos presenteou com os tipos mais inesperados, divertidos, caricatos: brasileiros e brasileiras que não se deixam abater diante das dificuldades do sertão árido, da pobreza, da seca implacável. Sua extensa obra conta, entre outros, com *O Romance d’A Pedra do Reino*, *Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, *Uma Mulher Vestida de Sol*, *O Santo e a Porca* e *O Auto da Compadecida*, considerada a peça mais popular do teatro brasileiro.

A leitura de Ariano não é só fundamental, é uma forma de conhecer uma face do Brasil, para muitos, ignorada, de um jeito descontraído, porém intenso; despojado, porém lírico. Inesperado.

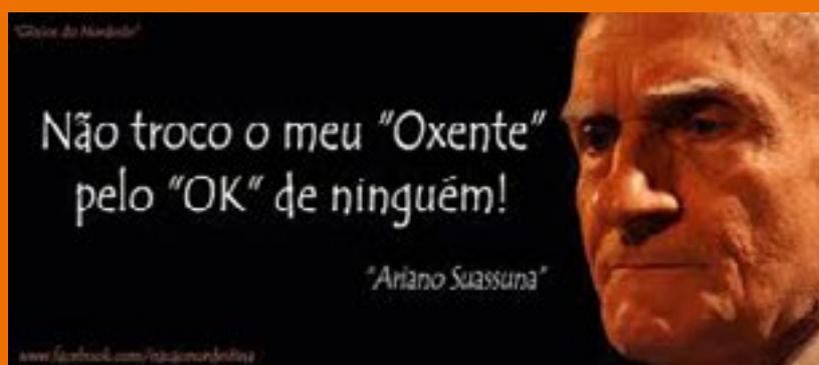
Sobre a morte, Ariano dizia:

“Não tenho medo da morte. Na minha terra, a morte é uma mulher e se chama Caetana. E o jeito de se aceitar essa maldita é pensando que ela é uma mulher linda.”

E foi a partir dessa leitura nada despretensiosa de Ariano, que nossos escritores o homenagearam recriando seus personagens e histórias, apossando-se de sua criação e, brincando com ela, aventuraram-se pelo mundo dos minicontos.

Deleitem-se com Chicó, Euricão Árabe, Caroba, O Bispo, o Chifrudo, a Compadecida, a Porquinha entre outros personagens com sua linguagem tão típica do sertão nordestino.

Como diria nosso homenageado:



Divirtam-se!

Mônica Scheer

A Porca da pobreza

Euricão: Oxê! Minha porca só tinha dinheiro velho, agora não vale nada! Santo Antônio!

João Grilo: A que a gente pegou também, essas porcas sempre nos enganando. Oh vida sem jeito, oh vida sem graça!

Porca: Eu? Vocês me engordam com dinheiro velho, depois me quebram toda e ainda acham que eu os engano? Santa porquinha, me salve!

Julia, Laura, Mariana



Saindo do armário

O padeiro ouve barulhos no quarto, mas não confronta porque tem medo. Quando chega no quarto, vê sua mulher deitada olhando para o armário. De repente, de lá sai um homem armado. Forte, cara de mau. Encara o padeiro!

-AI, MEU DEUS!!! Mas que susto, é um fantasma!!!...
E o padeiro vai ao chão, fingindo estar desmaiado.
O amante sai calmamente...
- Ô, cabra covarde!

Luca, Igor Souza e Pedro Ivo



Um padre sem milagre

João Grilo: Ô, Chicó, a gente precisa de uma maneira de pagar o padre sem perder nosso sagrado dinheirinho.

Chicó: Oxi, João, eu não sei o que fazer não.

João Grilo: Tive uma ideia.

Chicó: Então fale, homi.

João Grilo: Nós vamo usá a porca com dinheiro velho.

Chicó: Não, não, não, num sei se isso vai dar certo.

Horas depois...

João Grilo: Bom dia, seu padre.

Padre: Bom dia, meus filhos. Trouxeram meu dinheiro, ah, da igreja?

Chicó: Tome seu dinheiro, padre!

Padre: Muito obrigado, meus filhos. Que deus os proteja!

João Grilo e Chicó: Amém, padre.

Padre: Agora esse dinheiro é meu!

Porca: Padre, se eu fosse o sinhô, não ficava comigo não, tem algo de errado na minha barriguinta.

O padre quebra a porca e descobre a safadeza.

Porca: Precisava me quebrar para descobrir isso?!

Padre: Mas como eu ia fazer?

Porca: Num sei. O sinhô num é padre? Tem de fazer milagre!!! OXI!!!

Gabriel, Joao V. e Bruno M.



Morte Confusa

Cheguei ao céu, Jesus avistei. O diabo brigou com ele e à vida voltei. Levantando-me do túmulo, Chicó assustei. “Não sei por que que foi, só sei que foi assim.”

Felipe A., Igor C. e Vitor B.



A nova chance

Morri e fui ao céu. Com o Diabo me encontrei, Jesus não me dava trégua, então Maria invoquei. Bondosa e paciente, de mim se compadeceu, disse a Emanuel.

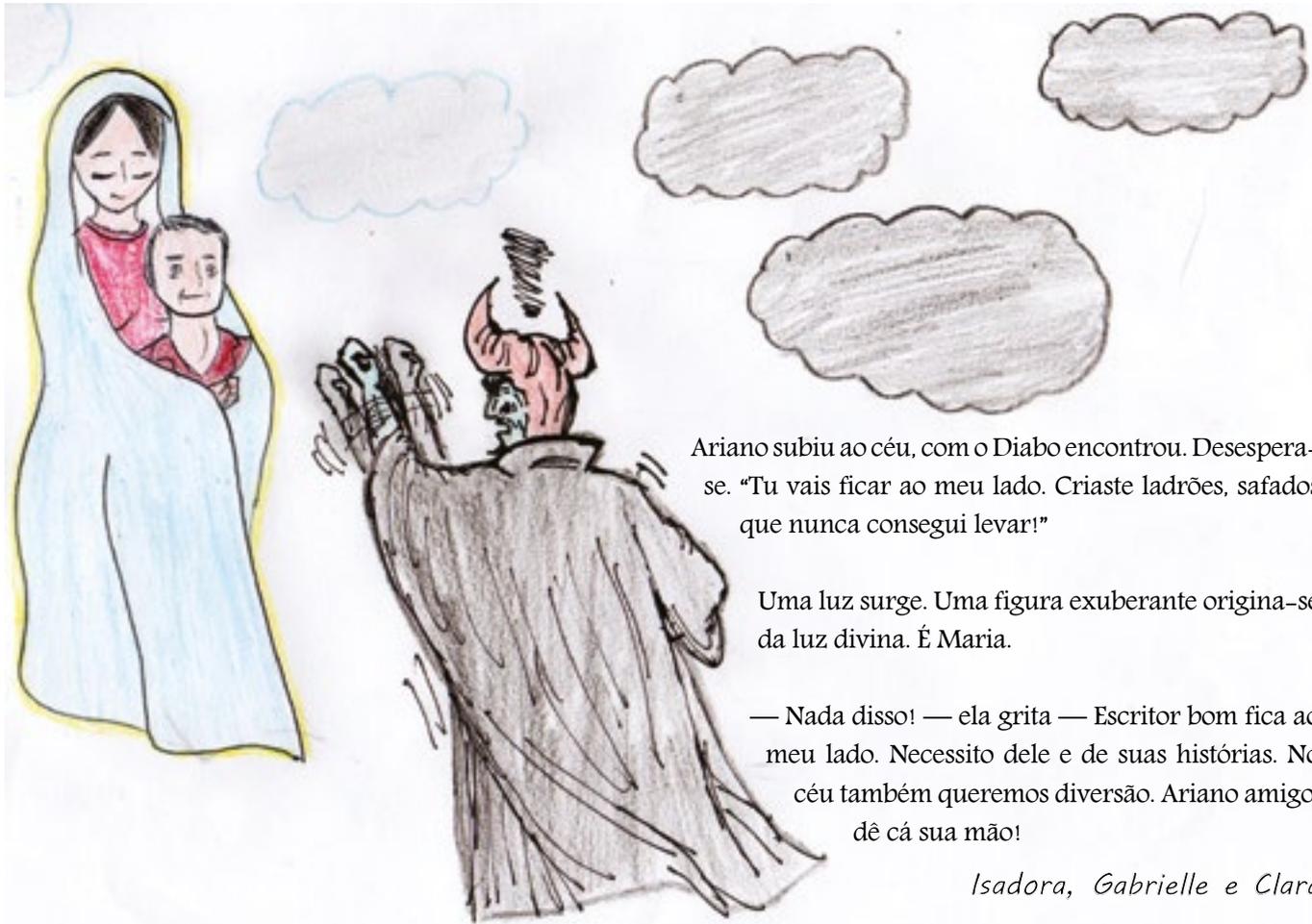
“— Os homens começam com medo, coitados ! E terminam fazendo o que não presta quase sem querer...”

Ganhei uma nova chance, mas ainda não sei o que fazer...

Larissa, Luana e Fernanda



Encontro Divino



Ariano subiu ao céu, com o Diabo encontrou. Desespera-se. “Tu vais ficar ao meu lado. Criaste ladrões, safados que nunca consegui levar!”

Uma luz surge. Uma figura exuberante origina-se da luz divina. É Maria.

— Nada disso! — ela grita — Escritor bom fica ao meu lado. Necesito dele e de suas histórias. No céu também queremos diversão. Ariano amigo, dê cá sua mão!

Isadora, Gabrielle e Clara

Na mira de uma lupa

A narrativa policial é uma das literaturas mais apreciadas pelo público leitor. Tal narrativa nos induz a prestar atenção nos acontecimentos descritos para que, juntamente com o detetive (ou qualquer outro personagem interessado em desvendar o mistério inserido), possamos reconstituir o crime e desvendá-lo.

Temos, portanto, dois detetives: o personagem preocupado com a investigação, e o leitor, que é convidado a analisar e, muitas vezes, confrontar sua versão.

Dessa forma, a participação do público é fundamental para a narrativa policial. Para que o leitor não se torne mera testemunha, perdendo, assim, o interesse pela trama, são necessários alguns elementos imprescindíveis para conquistar-lhe a simpatia, tais como: esperança, adrenalina (causada pelo medo) e, principalmente, incerteza.

Incerteza. Essa é a palavra-chave. O grande escritor de histórias policiais é aquele que permite ao leitor saber o que pode acontecer, mas nunca o que vai acontecer. Isso é feito através da descrição de diversos indícios e evidências que produzem uma unidade coerente, lógica e, claro, com a utilização de personagens bem caracterizados.

Além disso, também não se trata de uma literatura que apresenta monstros, fantasmas e alienígenas cometendo os crimes. Estes apresentam muitas semelhanças com os cometidos na vida real, pois são praticados por personagens “normais”, o que ajuda a aguçar ainda mais a curiosidade do leitor.

Este ano, nas aulas de Língua Portuguesa, com a participação do professor Martin (Cinema/PAF), os alunos do 8º ano travaram contato com alguns contos policiais de grandes escritores clássicos e contemporâneos, tais como: Conan Doyle, Medeiros e Albuquerque, Edgar Allan Poe, Jerônimo Monteiro, Marcos Rey e Edgar Wallace. Além disso, viram trailers, curtas-metragens e filmes para aprenderem um pouco mais sobre a linguagem do cinema, o que propiciou a criação de dois trailers, síntese dos contos por eles produzidos.

Aqui você encontra estes contos, nos quais nossos alunos criam indagações e convidam o leitor a interagir com seus enigmas. LEIA E CONFIRA!

(Professora Ivi Barile)



O Mistério do restaurante Morgue

Era uma manhã de quinta-feira quando bateram em minha porta. Era a polícia de Manaus. O policial Cheeykspare e o seu companheiro Juliano Veerny me perguntaram se eu era Cheerlocky Home e se podiam entrar. Confirmei. Ofereci uma xícara de café para os dois e questionei o que queriam. Disseram-me que ocorrera um desaparecimento que aparentemente não deixara vestígios. Perguntei todos os detalhes da vítima aos policiais. Uma cozinheira chamada Clara Lispecton, de 28 anos, tinha desaparecido há dois dias e fora vista pela última vez no restaurante onde trabalhava: Morgue.

Eu me aprontei e fui ao restaurante tentar obter alguma pista. Lá encontrei os trabalhadores e o chefe e todos estavam horrorizados e se lamentando muito. Observei cada um deles: a cozinheira Ana Maria Lenha, 29 anos; o cozinheiro Edgar Allânpou, 33; os garçons Oscar Selvagem, 35, e Machado Diazis, 32; as garçonetes Ágata de Cristo, 23, e Lídia Tela, 42; além do gerente Jorge Paixão, 56 anos. Todos estavam chorando.

Aos poucos, fui interrogando cada um deles, mas não consegui pista alguma após o interrogatório.

Vasculhando melhor o restaurante, achei um pano com éter e mandei-o imediatamente para o departamento de perícia. Logo após, saí pelas ruas para pensar um pouco, estava muito confuso com o interrogatório, pois descobri que todos estavam no restaurante no momento em que Clara havia sumido. E o problema é que todos haviam respondido igualmente às minhas perguntas. Caminhei até escurecer tendo em mente que deveria fazer um interrogatório mais “profundo”.

Ao chegar a minha casa, me deitei, mas cinco minutos após o telefone tocou. Era a polícia avisando que o garçom Machado Diazis havia sido encontrado morto. Mesmo cansado, aprontei-me e fui até a delegacia obter mais detalhes do caso. Ao chegar, o delegado Konan Dollye me adiantou que uma mulher ouvira gritos na casa ao lado a sua, que, por sinal, era abandonada. Fui correndo até lá. Assim que cheguei, vi o corpo da

vítima: estava todo queimado. Interroguei a mulher que telefonara à polícia e ela me disse que tinha visto uma pessoa entrando na tal casa abandonada com um saco. Disse que achou estranho, mas que não fez nada e que uma hora mais tarde ouviu gritos. Agradei.

Já ia me direcionando para a tal casa para tentar achar outras pistas, mas o delegado não permitiu. Disse que eu já havia feito muita coisa, que estava tarde demais e que eu precisava dormir para no dia seguinte poder fazer meu trabalho bem. Tentei convencê-lo, mas não consegui. Então fui para casa.

No dia seguinte, mal acordei fui às pressas para a delegacia. O delegado Konan Dollye me informou que tudo indicava que a vítima havia morrido por queimaduras e que provavelmente fora colocada perto de fogo, pois uma região da casa estava bem quente. Além disso, acharam um pedaço de pano rosa em que não havia presença de digitais. O resultado do pano de éter havia saído e também não havia vestígio algum que pudesse incriminar alguém.

Confuso, fui interrogar novamente os empregados do restaurante. No momento do interrogatório, contei sobre o que havia ocorrido e todos choraram com medo de que algo semelhante lhes acontecesse. Após isso, interroguei cada um individualmente, descobrindo que no momento em que a primeira vítima havia sumido o gerente Jorge Paixão não estava no restaurante, último local onde a primeira vítima fora vista. Com esses dados concluí que ele não poderia ser o culpado e que pelo fato de o lenço ser rosa as chances de ser mulher eram maiores.

Fui para a delegacia ver se haviam descoberto alguma coisa e o delegado disse que os cães haviam encontrado uma bolsa enterrada com seringas com vestígio de morfina, indicando que a vítima havia sido sedada. Novamente pesquisei por digitais, mas não havia nenhum rastro, porém já tinha certeza de que se tratava de uma mulher. Eu comecei a me alegrar, pensando que estávamos chegando perto, até que o telefone da delegacia tocou. Edgar Allânpou e Oscar

Selvagem haviam sido encontrados mortos na porta do restaurante, juntos de Clara Lispecton.

Ao chegar ao local, vi que nenhum deles aparentava ter sido assassinado, todos estavam sem sinais de bala, portanto, provavelmente, haviam sido envenenados. Enquanto os corpos eram encaminhados para a autópsia, voltei para casa desnortado e estressado, tendo em vista que muitas mortes já haviam ocorrido. Precisávamos resolver isso logo! No meio do caminho, liguei para a polícia e mandei que protegessem o restante dos trabalhadores do restaurante, porque todos estavam desesperados com medo de morrer e, do jeito que as coisas estavam, poderiam ser as próximas vítimas.

Assim que cheguei em casa, me deitei e consegui, finalmente, dormir por 8 horas. Às 6 horas da manhã, me levantei, tomei café e fui ler o meu jornal. Assim que pus os olhos nele, li a notícia de que três amostras de veneno de cascavel haviam sido roubadas do CAP (Centro de Animais Peçonhentos).

Fui direto à delegacia e, chegando lá, fui ter com o delegado, que me informou que as autópsias haviam sido finalizadas e que os três haviam sido mortos por veneno de cascavel, 20 ml diretamente na veia, nos deixando confusos naquele momento. Como alguém consegue assassinar e roubar sem deixar nenhuma pista? Eu e o delegado conversamos bastante e buscamos por outras pistas, mas nada.

Naquela noite, às 3 horas da manhã, acordei com o barulho do meu celular. Eu havia recebido uma mensagem: *Você pensa que conseguirá me deter com esses policiais? Game over para Lídia Tela e para os policiais.* Juntamente da mensagem, eu recebi um vídeo mostrando os policiais e Lídia Tela mortos a facadas. Tentei identificar o local do vídeo, mas sem sucesso. Contatei a polícia e tentei ver de qual celular e de onde a mensagem fora enviada e descobri que ela tinha sido enviada da Rua Benjamim Constant, da casa e do celular de Lídia. Então, peguei meu casaco e fui até lá.

Ao chegar, vi que a casa havia sido limpa há pouco tempo, e os investigadores não haviam encontrado

vestígios de digitais. Além disso, os três corpos haviam sumido: os dos policiais Cheeykspare e Juliano Veerny, e o de Lídia Tela.

Primeiramente, mandei que reforçassem a proteção policial dos outros três. Eu conversei seriamente com o delegado e fui à casa dos três empregados restantes do restaurante. Todos estavam extremamente assustados com o que havia acontecido, porque sabiam que provavelmente morreriam. Os três disseram que iriam se mudar, mas eu impedi, dizendo que a investigação não havia sido concluída e que eu iria ampliar e investir em suas seguranças. Comecei interrogando Jorge Paixão, perguntando onde ele esteve, pedindo informações sobre Ágata de Cristo e Ana Maria Lenha. Ele não apresentou sinais de mentira (que era o que realmente queria descobrir, como morder os lábios, voz fina e fraca, tocar o nariz, entre outros.). Então interroguei Ágata de Cristo, fazendo as mesmas perguntas, mas dessa vez pude notar que ela estava mentindo e falava de uma forma psicótica, me fazendo crer que ela era a culpada (pessoas psicopatas não apresentam certas emoções). Depois dela interroguei Ana Maria Lenha, que aparentava mentir também, mas apresentava menos sinais que Ágata e não falava de forma psicótica. Comuniquei ao delegado minhas conclusões.

No dia seguinte, fiquei perambulando pelas ruas pensando no que faria para pegar a Ágata. Depois de umas algumas horas pensando, fui à delegacia contar minha ideia para o delegado. Disse a ele que botaria uma câmera escondida na saída da casa de Ágata. Mas uma surpresa pouco agradável me aguardava, pois Ágata também havia desaparecido. Aquilo me pegou de surpresa, fiquei tonto e pálido. Não tinham pista de nada referente a seu desaparecimento. Então pensei: Bom, já que a Ágata sumiu, Ana Maria Lenha deve ser a culpada. Fiquei pensando com o delegado sobre como incriminar Ana Maria Lenha.

Ele me levou a um shopping para tomarmos um café e pensarmos. No meio do caminho, o telefone do delegado tocou, era a policial Holly Blue informando que Ana Maria Lenha havia desaparecido também. Eu não podia acreditar, aquele assassino devia estar rindo da nossa cara, pois os crimes estavam ocorrendo em

um curto espaço de tempo e não tínhamos pistas que nos levassem a ele. Apertamos o passo para voltarmos à delegacia, mas 5 minutos depois, o delegado recebeu outra ligação: O gerente havia desaparecido também. Enquanto caminhava cada vez mais rápido, apenas pensava: Voltamos à estaca zero.

Na volta, cortamos caminho por uma viela que dava numa praça. Ao passar por uma fonte, senti um cheiro podre, parecia de cadáver. Falei para o delegado que deveríamos investigar, pois havia uma porta para empregados que ia para baixo da fonte, sendo lá o local onde controlam a força da água. Para minha surpresa, todos os que haviam desaparecido estavam lá, mortos, além do senhor que cuidava da fonte. O cheiro havia se concentrado e, de tão forte, já estava passando pela terra.

O delegado chamou a polícia e, quando estávamos recolhendo os corpos, percebi que o gerente do restaurante, Jorge Paixão, ainda estava vivo. Ele havia sobrevivido às facadas, mas estava muito fraco, pois havia perdido muito sangue. Também percebi que Ágata não estava lá e pedi para que todos expandissem as buscas pelos arredores.

Depois que Jorge acordou, nos contou que quem cometera tudo aquilo fora Ágata e que ela estava fugindo para a Venezuela de carro. Várias viaturas foram acionadas, assim como helicópteros. Iniciamos

a caça à garçonne e logo descobrimos que o carro de entregas do restaurante havia sumido.

O furgão verde escuro logo foi visto por um dos helicópteros e partimos para as suas coordenadas. Ela acelerou assim que notou nossa presença. A perseguição se estendeu por alguns minutos até que, subitamente, Ágata direcionou seu carro para uma árvore. Ao chegarmos perto, percebemos que ela havia morrido, mas segurava uma carta: *Caros policiais, se estiverem lendo essa carta, significa que estou morta. Mas meu objetivo foi cumprido: matar todos aqueles colegas de trabalho que me agrediam fisicamente e verbalmente. Como invadi o CAP e como matei tanta gente sem ser descoberta? Vocês nunca saberão... Adeus!*

Fiquei perplexo com a carta, com os motivos dela, sobre a parte dos assassinatos e da invasão do CAP. Eu e os policiais conversamos um pouco e depois fui para casa pensando nesse caso que, enfim, tinha sido resolvido, apesar de tarde demais. Nesse momento, o delegado me enviou uma mensagem dizendo que Jorge receberia alta pela manhã. Eu estava chateado por não ter descoberto Ágata a tempo de evitar tantas mortes, mas pelo menos havia um sobrevivente.

Depois de algumas semanas, finalmente poderia ter uma noite de sono mais longa, embora as perguntas sem respostas daquele crime ainda me acompanhariam por muitos anos...



Escrito por: Gabriel Ramos, Igor Salles, Julia Vidal, Mariana Bizzo e Pedro Ivo

Assassinatos de Guerra

Caro Sr. Smith,

Reconheço suas habilidades como detetive e por isso necessito de sua ajuda. Tenho observado uma pessoa ultimamente frequentando o local onde eu trabalho e gostaria que me ajudasse a descobrir quem é esta pessoa. Sou um guarda da Rainha da Inglaterra e fico de guarda normalmente durante a semana. Exerço minha posição na fortaleza número 467, Rua Hullgarden, em Londres.

Atenciosamente, Clarke Burt.

— Bom, estamos indo para lá neste momento. — diz Robert Smith sarcasticamente para seu ajudante Ben Ross.

Eles chegam ao local e começam a perguntar sobre o guarda e são movidos para a sala do capitão:

— Eu não quero pessoas da sua laia fazendo perguntas para os meus soldados. — diz o capitão com tamanha arrogância.

Assim que ele termina de falar, entra um soldado desesperado trazendo uma triste notícia:

— Senhor! O soldado Clarke Burt acaba de ser encontrado morto enquanto tomava banho!

Eles correm para o local e Ben, por ser médico, começa a examinar o corpo e encontra um corte na região da coluna vertebral. Smith fica confuso, pois ninguém poderia ter entrado no banheiro já que a porta estava trancada e não tinha rastro algum da arma do crime, somente o pequeno corte em suas costas.

Ambos saem do local e vão até a casa de Smith, onde a noiva de seu ajudante, Heather Riven, os aguarda. Como o detetive Smith tem hiperatividade e não consegue ficar parado, Heather pedira a Ben para que lhe arrumasse um caso para investigar. Quando Heather vê os dois entrando em casa, ela pergunta:

— E então, solucionaram mais um caso?

— Não estamos nem perto de solucionar... — responde Smith com um ar de preocupação.

— A arma do crime não foi encontrada. — adiciona Ben à conversa enquanto explica a situação.

— Um assassinato em local fechado? — questiona Heather. — Bom, o melhor para se fazer no momento é esfriar a cabeça, então tratem de me ajudar aqui.

Ben e Heather se casariam no próximo domingo, por isso precisavam da ajuda do amigo para os preparativos. Eles começam a escrever nos cartões que os convidados do casamento receberiam ao chegar, com as indicações de suas mesas, o menu e um texto de agradecimento dos noivos e, em determinado momento, o noivo para de escrever ao olhar para um nome muito importante: “Sargento Rodrick James”. Heather o olha e pergunta:

— Você acha que ele vem?

— Pouco provável, ele é um homem muito recluso. Ele tem coisas mais importantes para fazer.

O sargento fora o comandante de Ben e de seu batalhão na 2ª Guerra Mundial, mas por um erro na comunicação com o quartel-general, acabaram sendo interceptados pelos inimigos e somente os dois conseguiram sobreviver.

Ao terminarem, Smith começa a escutar o rádio da polícia, que ele tinha pego escondido, em busca de crimes que se parecessem com o assassinato de Clarke, porém sem muito sucesso.

Desapontado por não conseguir uma pista sequer, ele parte com seu ajudante para o Centro de Autópsias da unidade da Polícia, onde ambos, depois de muita insistência, conseguem autorização para entrar. Seu objetivo era procurar por marcas no corpo de Clarke e percebe que o corte era muito pequeno para ser de uma faca. Examinando a fundo o corpo, ele acaba encontrando uma pista que guardaria para si até o momento em que encontrasse o assassino ou até que conseguisse a conclusão de alguém.

Cansado de tanto examinar aquele “presunto”, como dizia, Smith foi dormir inquieto com o que teria descoberto. Ao acordar, se depara com Ben sentado na cadeira em sua frente com uma expressão de preocupação:

— Bom dia, adorável ajudante, por qual razão acabo de acordar e já me deparo com você? — diz Smith ironicamente.

— Tenho duas notícias a lhe falar, uma delas provavelmente lhe interessa. — afirma Ben.

— E quais seriam elas?

— Enquanto eu estava ajudando Heather a finalizar os cartões dos convidados, percebi que não estavam mais na ordem que havíamos colocado. Resolvi analisar um por um e notei que alguém mexeu no bolo de cartões e colocou uma carta no meio do que o sargento receberia. Estava escrito: “Caro Sr. Rodrick, estou lhe escrevendo com a intenção de alertá-lo de que tudo o que o senhor fez no passado virá à tona em breve e que uma de minhas vinganças contra o senhor já foi realizada.” —

explica Ben. — E, assim como a carta dizia, a mulher de Rodrick, Lunna James, foi assassinada do mesmo jeito que Clarke e foi achada no vestuário. Dessa vez a assassina foi pega, mas novamente a arma do crime não foi encontrada e estou com um pressentimento de que aquela não é a verdadeira assassina...

Logo após Ben terminar de falar, o detetive se levanta da cama e, bastante enérgico, sai de casa até a cena do crime. No local, se depara com policiais na porta da loja escoltando a principal suspeita, e depois de conversar com alguns amigos, Ihe é permitido conversar com a assassina por um curto período.

— Qual é seu nome?

— Becky... Becky Hills... — responde ela com uma voz baixa.

— Você notou que acabou de matar uma pobre senhora? — pressiona.

— Eu só a matei porque ele me pediu! — diz Becky nervosa.

— Ele? Quem é ele? — Smith tenta pressioná-la ainda mais.

Becky fica quieta durante um tempo e fala em um tom muito baixo.

— O soldado...

Assim que ela termina de falar, entram policiais para retirá-la. Ao sair do local, ele se depara com Ben o esperando sentado na calçada. Os dois começam a caminhar quando, de repente, o investigador pergunta para seu assistente.

— Ben, como eu sou um homem muito curioso, ao saber que você serviu na Segunda Guerra, eu comecei a pesquisar sobre as táticas de assassinato na guerra e, por mais que você fosse apenas o médico, gostaria de lhe perguntar uma coisa.

— Pergunte então. — convida Ben.

— A qual tipo de batalhão você servia?

— Ao batalhão furtivo, por quê?

— Ah, sim. Agora tudo se encaixa... Desculpe-me, mas só poderei lhe revelar sobre o assassino em seu casamento.

— diz Smith euforicamente.

E assim os dois seguem até sua casa, onde o detetive Smith permanece até o dia do casamento. Como Ben lhe concedera a honra de ser seu padrinho de casamento,

resolveu aproveitar a oportunidade para preparar um truque a fim de pegar o culpado.

Após a celebração de casamento começou a festa e, para surpresa de Ben, Rodrick apareceu para lhe desejar os parabéns. Houve música, muitas fotos e comida até o momento em que o padrinho precisava dizer algumas palavras. Após uma série de homenagens a Ben e a Heather, Smith começa com a seguinte brincadeira.

— Agora que todos já beberam bastante e estão felizes, vamos jogar um jogo que chamo de “Suspeitos”. Eu vou passando por vocês e em um de vocês colocarei um aviso dizendo que será o assassino. O resto dos convidados tentará adivinhar quem é o culpado dependendo do crime que eu direi... E o crime será relacionado a um assassinato em série.

Ao analisar a todos os convidados, o detetive passa por Rodrick deixando a seguinte mensagem: “É você.”. Com um pequeno riso, o sargento levanta-se, vai até o banheiro e lá se tranca. O detetive e Ben vão atrás dele e Smith se corrige enquanto conversam com ele.

— Não... Pensando melhor, você não é o assassino, você é uma das vítimas. — afirma.

— Me explique melhor e eu abrirei esta porta. — diz Rodrick.

— Senhor Rodrick, sinto lhe informar, mas o senhor, como as outras vítimas, foi atacado antes de entrar neste banheiro com uma afiada lâmina de vidro. Ela acabou de ser cravada em suas costas, sem que percebesse, na região da coluna vertebral. Se o senhor não tomar rapidamente uma providência, morrerá como sua esposa e o guarda Clarke. Quanto ao resto, só poderei lhe contar assim que eu pegar o assassino.

Como prometido, o sargento abre a porta e sai assustado, ainda não entendendo muito bem as palavras de Smith. Ben o examina e comprova que seu amigo estava certo. Um colega do sargento, que também estava na festa, é incumbido de levá-lo ao hospital mais próximo com algumas instruções do jovem médico, enquanto o investigador permanece no meio de todos os curiosos no salão pensando em sua própria charada: “Quem em um casamento consegue matar uma pessoa colocando uma lâmina de vidro nela e passar despercebido?”. No mesmo instante, vê uma pessoa saindo pela porta, uma

pessoa que seria a resposta para a sua charada: “Como não pensei nisso antes? É ele! O fotógrafo!”

Ele então corre para pegá-lo e prende-o a uma cadeira. Como prometido, explica sua conclusão a Ben.

— A primeira pista que eu tive foi ao examinar o corpo. Observei que o furo tinha uma espécie de profundidade que vi somente quando estudei as técnicas de assassinato da Segunda Guerra que, por coincidência, foi a técnica utilizada pelo seu batalhão na guerra. Entretanto, isso me fazia crer que os únicos suspeitos seriam você e o Sr. Rodrick. Não contente com esta resolução, pesquisei mais a fundo sobre o seu batalhão e encontrei dois irmãos, Rick e Gary Silver. — Robert mostra uma foto dos dois e depois continua

a explicar. — Rick foi aprovado para ingressar no batalhão, porém Gary não e depois da morte de seu irmão ele desapareceu. Já que ele tinha completado o treinamento de assassinato realizado pelo batalhão furtivo, quis aproveitar-se de sua habilidade para se vingar do sargento culpando-o de tudo. Para ajudar em sua vingança, ele persuadiu sua namorada a assassinar um dos alvos para desviar a atenção de si, só que no final não teve muito sucesso.

— Engraçado como você sempre soluciona esses casos com muita arrogância nas palavras. — brincou Ben.

Após a chegada da polícia para prender o assassino, a celebração do casamento continuou e Smith, alegremente, viu seu ajudante partir para sua lua de mel.



Escrito por: Clara Pontes, Felipe Adami, João Vitor e Vitor Braga.

De pai para filha

Era para ser o dia mais feliz da minha vida. Mas realmente não foi. Foi o pior. Foi o dia em que pensei que nunca mais seria feliz. O dia do desespero.

Tudo começou no aniversário de 17 anos da minha filha, Giulia. Era uma festa chique, e por isso eu tinha que causar uma boa impressão, dentro do meu possível, é claro. Então peguei do meu armário um smoking que, de tão grão-fino, nunca usara. Eu me sentia ridículo nele. Me olhei no espelho. Eu definitivamente não era mais o mesmo. Minha face estava cheia de rugas, meu cabelo grisalho já começara a cair. Quanto tempo passara. Parecia que tinha sido ontem que Marina batera a porta para sair definitivamente de minha vida. Isso já fazia 15 anos. Marina sempre me acusara de nunca dar atenção a ela ou a Giulia. Mas como poderia também... Naquela época eu era um policial respeitado que agia para melhorar o país inteiro. Agora sou aposentado da polícia devido aos meus problemas de saúde e vivo de empréstimos. Hoje, Marina está casada com um milionário, dono de uma cadeia de perfumes. Olhando para trás, eu me arrependo de não ter sido mais presente na vida das duas.

Pensei no que comprar para minha filha, mas como comprar algo para uma pessoa que já tem tudo, e que quando deseja algo recebe imediatamente? Então pensei nos raros momentos em que passei com ela e aí me veio a ideia. Me lembrei dela falando que queria um álbum de memórias nossas. Claro que nunca cheguei a realizar esse seu desejo, tão ocupado que estava, então pensei que agora essa seria uma boa oportunidade. Comprei um álbum e nele coleí várias fotos nossas. Embrulhei-o no papel mais bonito que encontrei e fui para a festa.

Cheguei lá quando já anoitecia. A mansão onde as duas moravam com o ricoço era exuberante. Completamente branca com holofotes virados para ela, e gigantescos coqueiros em volta. Porém algo me preocupava: a rua. Ela era larga, extensa e vazia. A mansão era praticamente a única casa lá. Me preocupava por causa das notícias que estavam circulando por aí. Uma enorme quadrilha de exploração de mulheres estava rondando o Brasil inteiro à procura de meninas. Mas resolvi dar um tempo em minhas suspeitas para aproveitar um pouco a festa.

Grande erro. Não tinha com quem falar, pois as pessoas que entravam pelo portão branco da mansão eu nunca vira, e aposto que nem Marina e Giulia as conheciam também. De repente avistei uma pessoa estranha, era um homem e estava longe da mansão, encostado em um carro preto observando as pessoas entrarem. Achei aquilo estranho, mas resolvi ignorar. Poderia ser um tipo de segurança do bacana.

No largo quintal atrás da mansão vi Marina. Fui até ela e a cumprimentei. Ela não tinha mudado muito, porém estava mais bonita, mais feliz. Uma felicidade a qual nunca fui capaz de proporcionar-lhe. Em seguida veio Hans Reinholds (o milionário gringo, pelo qual Marina me trocara) me cumprimentar, o que me deixou bastante surpreso e Marina ainda mais constrangida com a situação. Mas a pessoa pela qual eu estava procurando demorou a chegar. E quando finalmente chegou, abracei-a bem forte, e fiquei chocado em ver o quanto ela crescera. Dei-lhe o álbum e ela adorou. Então Hans, logo em seguida, para acabar com meu momento, falou que ainda não lhe dera seu presente, que, para minha derrota, era um cavalo branco e elegante. Giulia me pediu para que segurasse o álbum e foi correndo para o cavalo. Mas no meio do caminho percebeu que não poderia, para não arruinar o seu vestido. Então ela veio até a mim, dizendo que queria falar comigo em particular.

Fomos até a parte da frente da casa e, antes de dar atenção a ela, olhei novamente para o canto onde vira o homem. Ele não estava mais lá. Então Giulia segurou minha mão e me pediu algo com que eu jamais concordaria: ela queria rodar a Europa inteira (começando na Inglaterra e terminando na Suíça) com sua amiga Sarah, que também tinha 17 anos. Duas meninas inconscientes dos perigos do mundo viajando por aí sem uma supervisão de adulto? Nunca! Nunca deixaria isso. Giulia ficou furiosa, com olhos vermelhos de raiva e choro e saiu correndo para a rua escura e vazia.

E foi a partir daí que tudo mudou.

Corri em sua direção. Ela não tinha se afastado tanto, como pensara. Depois de um tempo, avistei novamente o carro preto e vi Giulia passar perto. De repente, do

meio de uns arbustos, pulou um homem em cima dela. Parti pra cima dele, tentando soltá-la de suas mãos, mas ele foi mais forte. Deu-me um soco na nunca que me fez cair imobilizado. Ele pegou Giulia e a jogou no banco traseiro do carro.

Não me lembro de como acordei. Voltei correndo para a festa, onde contei as terríveis notícias para Marina e Hans. Ela chorava desesperadamente. Hans anunciou que a festa estava acabada e que ele faria de tudo para colaborar. Não sabia o que fazer direito, então resolvi ligar para um velho amigo meu, Ronni, que ainda trabalhava na polícia.

Ele conseguiu achar uma ficha de um dos principais suspeitos que fazia parte daquela tal quadrilha. Ronni me falou que existiam várias quadrilhas que exploravam meninas e mulheres, mas que esse suspeito fazia parte de uma das mais ativas nos últimos anos e que a polícia não conseguia pegá-los de maneira nenhuma, embora costumassem agir na cara das famílias. Suas principais vítimas eram meninas bonitas entre 15 e 18 anos, e na maioria das vezes não eram meninas pobres e desinformadas, e sim meninas de classe alta. Ele descobriu que essas quadrilhas normalmente se espalhavam pelo mundo inteiro, e um local onde a polícia já investigara inúmeras vezes era Mônaco. Disse também que a maior parte da quadrilha vinha da Albânia e que seu lugar de agir com mais frequência eram aeroportos.

Marina sugeriu que ligássemos para a polícia, mas pelas informações de Ronni eu sabia muito bem que seria capaz de achar minha filha bem mais rápido do que cem homens. Tomei uma decisão. Eu não tinha muita esperança, porém tentei assim mesmo. Liguei para o celular de Giulia. Uma voz atendeu. Não era sua voz, era uma voz masculina e no fundo se espalhavam outras vozes masculinas. Na hora em que eu ia ameaçá-los, eles começaram a rir. “Boa sorte, paizinho preocupado, logo, logo, estaremos bem longe daqui”, foram as palavras que disseram e que queimaram meus ouvidos.

Cerca de uma hora depois eu estava em um dos jatinhos particulares de Hans voando para Mônaco e levando

comigo apenas uma mochila preta. Naquelas horas de voo não consegui pegar no sono. Ao chegar a meu destino, andei pelas ruas para me orientar um pouco e comecei a memorizar os rostos de todas as pessoas que passavam e eventualmente olhavam para mim. Essa era uma das minhas maiores qualidades quando eu trabalhava na polícia, e ainda a possuía. Segui até o aeroporto de Mônaco.

A sorte estava ao meu lado, só podia ser. O sujeito da foto que Ronni me mostrara estava no galpão de um bar-restaurant do aeroporto conversando com uma menina loira. Esperei. A menina foi ao banheiro e, enquanto o sujeito estava sozinho, me aproximei calmamente e falei.

— Eu tenho uma bomba em minha mochila, que só está esperando receber o meu apertado. Se você ousar falar, gritar ou fazer qualquer coisa, todos aqui morrerão, incluindo você. Eu se eu fosse você obedeceria.

O sujeito pareceu zombar de mim no início, mas logo percebeu que eu não estava de brincadeira, estremeceu e concordou. Ele se levantou devagar e foi comigo até um táxi. Seguindo instruções via celular de Ronni, levei-o até um hotel abandonado que estava praticamente por um fio de cair. Entramos no quarto e o forcei a deitar na cama onde o amarrei.

— Isso pode terminar muito bem para você, meu amigo. É só responder corretamente as perguntas.

Eu lhe perguntei várias coisas, como quem era e sua função na quadrilha. Mostrei-lhe uma foto de Giulia e perguntei se tinha visto a garota da foto. Ele continuava a não responder. Então eu resolvi tomar uma decisão mais drástica. Abri minha bolsa e de lá peguei uma faca. Enfiei-a em sua perna esquerda. Ele gritava de dor.

— Não vai mesmo querer falar nada?

Ele não respondia. Tirei a faca de sua perna e a enfiei na outra. Mas dessa vez também mexi com a faca dentro de sua perna para um lado e pro outro, o que fez com que rapidamente ele cedesse e concordasse em responder minhas perguntas.

— A minha função é pegar as garotas e as entregar.

— Para quem?

— Para Jaqunuer, o dono. Ele avalia as garotas e as bota no programa, que está espalhado pelo mundo todo.

Eu suspirei.

— Você tem o número dele?

— Tenho.

— Então você vai ligar para ele agora, dizendo que tem um cliente rico que quer ver todas as garotas que estão aqui em Mônaco para escolher uma para um programa.

— Só tem uma coisa.

— Que seria...?

— Jaqunuer não vai até o cliente, o cliente vai até Jaqunuer.

Ele ligou e combinou tudo com o chefe e em seguida me deu o endereço certo.

— Pronto. Eu fiz tudo que você me pediu. Agora, por favor, me deixe em paz.

— Você tem razão, fez tudo o que eu te pedi. Mas isso não vai te salvar.

Tirei a faca de sua perna e a enfiei em seu coração. Ele morreu na hora.

Fui ao endereço que o sujeito me deu. O local era uma casa simples. Entrei. Havia dois caras gordos sentados assistindo a um jogo de futebol. Eles me notaram.

— Quem é você?

— Eu sou o cliente rico.

Entre em uma sala e logo em seguida o tal do Jaqunuer veio me cumprimentar. Me sentei em um sofá e me ofereceram champanhe. Esperei. De repente, 10 meninas apareceram e se dispuseram enfileiradas na minha frente. O cafetão falou para eu escolher a mais bonita, mas me disse que a escolha seria difícil. Fiquei com nojo daquilo. Olhei o rosto de cada uma – eu não reconhecia nenhuma – até a última. Era Sarah, a melhor amiga de Giu. Ela não me reconheceu.

— Levo essa.

Jaqunuer a olhou bem de perto.

— Boa escolha. Vai ser aqui, ou em outro lugar?

— Em outro lugar.

Ele parecia um viciado alucinado quando lhe dei o dinheiro de Hans.

Entrei com Sarah em um táxi que nos deixou em um hotel. Ela parecia dopada, mal falava. Ao chegarmos, ajudei-a a subir e, assim que me reconheceu, começou a chorar. Depois ela me contou tudo. Disse que fora sequestrada depois de sair da festa de Giulia e que haviam enviado minha filha para trabalhar em uma boate em Paris, que se chamava *Le Enchanté*. As duas haviam passado um tempo juntas em Mônaco, mas por estar causando muitos problemas com os clientes, Giu fora transferida.

Liguei para Hans dizendo que tinha encontrado Sarah e que era para ele mandar um avião particular para buscá-la, e outro para me levar a Paris o mais rápido possível.

Assim que cheguei, entrei em contato com um velho amigo que trabalhava para a polícia francesa. Ele prometeu me ajudar e me deu um celular que eu só precisava discar um número para que a polícia

chegasse ao local em que eu estivesse.

Cheguei à boate. Ela estava lotada, com uma música ensurdecedora. Depois de alguns minutos, encontrei Giu, que, assim como a amiga, também parecia dopada. Falei com o responsável que queria levá-la para o quarto e paguei-lhe a quantia estipulada.

No quarto, depois de algum tempo, mais calmos e com a música mais baixa, ela me reconheceu. Disquei o número e em dez minutos a polícia estava na frente da boate prendendo os visitantes e os donos. Eu mesmo fiz questão de algemar o dono. Giulia estava finalmente segura em meus braços e me apertava chorando e me pedindo desculpas. As meninas que estavam lá foram encaminhadas para suas casas, e os donos que foram presos contaram tudo para a polícia a fim de diminuir suas penas, os locais onde sua quadrilha atuava, as meninas que sequestraram, etc.

E assim voltamos para o Rio de Janeiro. Eu estava completamente realizado, enfim, havia feito algo que prestasse, algo para me orgulhar.

Hoje, Hans e eu somos bons amigos. Continuo falido, mas com Giu muito mais presente em minha vida.



Escrito por: Isadora

*Grupo: Gabrielle, Isadora, Larissa, Luana e Luca·
História inspirada no filme Busca Implacável*

Crime de infância

Um dia, logo depois do trabalho, Sheylla e Kelen se esbarraram no estacionamento do shopping onde trabalhavam. Kelen nem notou que se tratava de Sheylla (uma amiga de anos atrás), pois ela tinha pintado o cabelo, estava muito diferente da época da escola e ambas haviam perdido o contato cerca de uns dez anos. Pediram desculpas e cada uma foi para um lado. Após alguns dias, como saíam no mesmo horário, elas novamente se esbarraram e, dessa vez, travaram um diálogo:

— Qual é o seu nome? — disse Sheylla amigavelmente.

— Qual é o seu nome? — falou Kelen ao mesmo tempo.

As duas riram com a coincidência e se responderam. Então Sheylla falou:

— Nossa! Você não me é estranha... Me parece que já te vi em algum lugar..

Então, para descobrirem de onde já haviam se conhecido, falaram sobre o lugar onde moravam, citaram nomes

de amigos e conhecidos, academias e lugares que frequentavam... Até que Kelen perguntou:

— Você por acaso estudou na escola municipal Augusto Amarante?

— Ah! Sim, sim! Caramba, você é a Kelen, irmã do Digão! — falou Sheylla animada. — Quanto tempo não nos vemos! Como está seu irmão? Seus pais?

Logo que se lembraram, começaram a conversar sobre as coisas que faziam juntas na infância. Elas se lembravam de quase tudo, apenas não lembravam as coisas ruins que faziam na escola, como maltratavam as pessoas que não faziam parte de seu grupinho, principalmente uma garota chamada Juneida, que infernizaram durante todo o final do ensino fundamental, fazendo-a sair da escola.

Marcaram de sair juntas no sábado e Kelen informou que levaria uma amiga também da época da escola, Kátia, com quem não havia perdido o contato. As três amigas ficaram recordando os velhos tempos a noite inteira num bar que havia no centro da cidade.

Às 23h Sheylla se despediu das novas amigas, pois iria encontrar com seu namorado e seguiu até o estacionamento para buscar sua moto. Enquanto subia na moto, ela ouviu alguém dizendo “Você vai pagar por tudo o que fez comigo”. Sheylla tomou um susto e logo tentou acelerar. De repente, um carro acendeu as luzes em sua frente e acelerou com tudo pra cima de sua moto, fazendo-a morrer na hora.

Com o barulho das sirenes e a multidão se formando fora do estabelecimento, Kelen e Kátia saíram para ver o que estava acontecendo. Viram muitos carros de polícia e uma ambulância e, ao se aproximarem, descobriram que a amiga estava morta. Kátia, que era detetive, logo mostrou o distintivo para os policiais do local e descobriu que tudo indicava se tratar de um homicídio. Então, entrou na cena do crime a fim de ajudar na busca de pistas do culpado de tamanha tragédia. Falou com Kelen para ir para casa e que no dia seguinte a procuraria para dar-lhe notícias do caso.

Kátia passou a noite toda fazendo pesquisas e descobriu que o carro que havia atropelado a moto da amiga era de

um homem chamado Henrique, ex-colega de trabalho de Sheylla. Por meio de entrevistas com funcionários da empresa, descobriu que ele sempre a chamava para sair e era rejeitado, fazendo-o, certo dia, segurá-la a força e gritar com ela, o que havia causado sua demissão. Falaram que era um homem muito desequilibrado e que dizia que se vingaria de Sheylla.

Entretanto, descobriu que não havia chances de ser ele o culpado, pois ele havia mudado de emprego e estava fazendo um curso do trabalho na Europa.

De noite, Kátia foi até a casa da amiga para saber como estava e contar-lhe todas as informações que conseguira juntar.

Conversaram bastante, choraram juntas e começaram a pensar em outros possíveis suspeitos e motivos. Acessaram a rede social, para saber um pouco mais sobre as companhias de Sheylla, o que ela costumava fazer, o que conversavam com ela, até que Kelen se lembrou da tal garota com quem elas praticavam *bullying* quando criança.

— Não sei se é possível, pois isso já faz muito tempo e nem me lembrava mais... Mas estou me recordando de algumas pessoas com as quais implicávamos na época da escola e me lembrei de uma garota que, ao sair da escola, jurou vingança. O nome dela era Juneida. Você não vai se lembrar dela, pois ela saiu no 9º ano e você só entrou em nossa turma no Ensino Médio.

— Não importa quanto tempo se passou, Kelen. Vou verificar, pois ela também tem motivos para ser a culpada.

Elas começaram a pesquisar o contato e o endereço de Juneida para poderem ir até sua casa verificar se algo a incriminava.

Depois de alguns dias de investigação, elas descobriram suas informações e Kátia foi até sua casa. Não descobrindo qualquer pista, falou com um amigo da polícia para convocá-la para um interrogatório, que acabou também não dando em nada.

Embora a amiga insistisse, Kátia não via mais formas de continuar a investigação, pois não tinha mais pistas e suspeitos, e colocou-a de lado.

Não conformada e chateada, Kelen resolveu investigar sozinha. Aproveitava todas as noites após o trabalho para conversar com conhecidos de Sheylla, foi até a casa de seus pais, falou com o namorado e ficou tão obcecada em descobrir o assassino, que parou de se encontrar com a amiga detetive. Não atendia mais suas chamadas, não atendia a porta e pedia para falarem no trabalho que ela não estava.

Uma noite, enquanto abria a porta do carro na garagem do shopping onde trabalhava, sentiu algo em suas costas e ouviu uma voz em sua nuca:

— Então você resolveu continuar a investigação sozinha, sem falar pra mim, me descartando, igual àquela zinha que queria se intrometer em nossa amizade para nos separar!? Kelen, você não entende? Ela nunca iria te dar o valor que sempre te dei!

Kelen se virou e olhou, surpresa, para Kátia, que lhe

apontava uma pistola. Enquanto seus pensamentos fervilhavam, começou a entender tudo. Lembrou que Kátia havia ido ao banheiro quando Sheylla se despediu no bar e só retornou depois, quando começou a ouvir o barulho das sirenes na rua. Lembrou também que não tinha acreditado nas informações sobre o tal de Henrique e pedira para a amiga investigá-lo um pouco mais, recebendo a resposta de que como não era investigadora, não entendia direito como os crimes eram analisados e que não deveria se meter. Chorando muito, Kelen disse:

— Por que você fez isso? Você sempre foi minha amiga igual a Sheylla!!! Nós não iríamos nos separar! Não acredito que VOCÊ matou NOSSA amiga! Agora não tenho mais gosto pela vida, não quero mais você perto de mim, uma amiga que mata a outra apenas por ciúmes...

E estas foram as últimas palavras de Kelen.

CASO ENCERRADO

Escrito por: Bruno Magalhães, Fernanda, Igor Sousa e Laura.





Intervenções para um mundo melhor

O autor Gustavo Bernardo, em seu livro “Monte Verità”, cria uma situação hipotética: de repente, todos têm suas vidas interrompidas, ao mesmo tempo, por mensagens enviadas pelos mais diversos meios de comunicação (internet, dentro do cinema, do jornal que estão a ler, da rádio que escutam e até por meio de aparelhos desligados). Ninguém sabe de onde vêm ou consegue compreender o seu intuito. Será a voz divina? Trata-se de mensagens de seres extraterrestres? Ou será uma nova arma tecnológica de algum país inimigo com o intuito de iniciar uma nova guerra mundial?

A cada domingo, uma intervenção (como o autor as chama) é anunciada. São seis ao total, e representam imposições drásticas aos seres humanos. Têm como pano de fundo “*críticas contundentes ao etnocentrismo, ao racismo, ao especimismo, à violência e à depredação ambiental*”, fazendo-nos refletir sobre o nosso papel no planeta: o que estamos fazendo com ele, o que queremos deixar para as próximas gerações e o que podemos fazer para frear essa humanidade autodestrutiva com a qual nos deparamos diariamente.

Os alunos do 8º ano foram convidados, nas aulas de Língua Portuguesa, a debaterem sobre os diversos assuntos presentes no livro e a criarem uma 7ª intervenção, que também contribua para uma mudança radical de nossa realidade.

A seguir você encontrará algumas de suas criações e esperamos que elas também estimulem a todos a repensarem suas atitudes e a darem o melhor de si para cooperarem com o nosso planeta.

(Professora Ivi Barile)

Abaixo a corrupção

Senhoras e senhores,

Venho avisar que, a partir deste instante, todos que cometerem algum ato de corrupção serão punidos no mesmo momento.

A punição será a mesma para todos os tipos de corrupção possíveis e constará de 20 anos de prisão, sem regalias, ou seja, com o mesmo tratamento que um preso comum recebe, e sem nenhum tipo de diminuição do tempo de cumprimento de pena, por bom comportamento ou coisa do tipo.

A prisão com o tratamento não diferenciado servirá para essas pessoas verem como a população carcerária sofre mundialmente, para ver se tomam alguma atitude para mudar esse absurdo e para que a prática da corrupção pare no mundo inteiro.

(Bruno Magalhães)

Questão de fé

Caríssimos,

A partir deste dia, todos aqueles que possuem qualquer fé, crença ou religião não poderão influenciar, criticar ou prejudicar as outras, seja de indivíduos ou instituições. Esta imposição tem como objetivo principal acabar com os preconceitos e discussões que existem sobre religião e religiosidade.

Todos terão que aprender a respeitar e não a influenciar na escolha religiosa do outro, ou seja, todos poderão escolher livremente a fé a que querem seguir, desde que não prejudiquem ninguém e que não fiquem divulgando ou impondo suas crenças.

(Clara Pontes)

Hora de despoluir

Boa tarde!

A partir deste momento todas as máquinas que produzem algum tipo de gás tóxico vão parar de funcionar. O objetivo é que os seres humanos se especializem e busquem criar uma máquina que despolua o ar. Quando isto acontecer, as máquinas paradas voltarão a funcionar.

Se, nesse período de tempo em que essas máquinas não estiverem funcionando, qualquer humano tentar forçar o seu funcionamento, será preso e reeducado ecologicamente.

(Felipe Adami Rodrigues)

A lei da compaixão e do amor ao próximo

Cidadãos de todo mundo,

Acabo de instituir a lei da compaixão e do amor ao próximo. As pessoas que cometerem qualquer crime contra a humanidade ou contra os animais serão levadas a uma instituição para reabilitação e passarão dois anos ajudando a todos aqueles que de alguma forma feriram moral ou fisicamente.

(Fernanda Lua)

Como deveria ser

Prezados,

Após 10 minutos do encerramento deste comunicado, todo fogo presente na Terra subirá até a atmosfera e lá será apagado. Isto porque este elemento tornou os humanos superiores aos outros animais.

O fogo foi dado aos humanos de uma maneira incorreta, já que Prometeu, o defensor da humanidade, roubou o fogo de Zeus e deu-o aos humanos. Portanto, o fogo não deveria estar com os humanos.

O homem utiliza o fogo para desmatar, destruindo habitats e matando muitas espécies. Por ser causa de muitas mortes, tanto do próprio homem quanto dos animais, seu uso será abolido e vocês deverão se unir para pensarem e criarem alternativas para substituí-lo.

(Gabriel Nascimento)

Lavagem moral

Senhoras e senhores,

A partir deste instante, o planeta será limpo de todas as impurezas morais. Todas as pessoas que assassinaram, assediaram ou roubaram (deixando de fora casos nos quais houve motivo de força maior), passarão a flutuar a 7 metros do solo. Estas pessoas não morrerão e nem passarão fome ou sede, mas só poderão voltar as suas vidas após se arrependerem verdadeiramente de que fizeram.

(Igor Caitano)

Força Feminina

Senhoras e Senhores,

Estabeleço que todas as mulheres terão a mesma força que os homens, tanto a força física quanto a força mental (vistas, muitas vezes e injustamente, como sendo inferiores).

Todos os homens que acham que a mulher é um ser inferior tomarão um pequeno choque elétrico. Quanto mais perverso o pensamento, mais forte será o choque.

A força que a mulher receberá não será usada para a violência, e sim, somente para a sua defesa. Este aumento tem como objetivo causar medo ou pelo menos receio nos homens e visa a ensiná-los a respeitarem as mulheres, diminuindo com isso o número de assédios sexuais e a violência contra a mulher.

(Isadora Wandt)

Diga não ao preconceito!

Caríssimos e caríssimas,

A partir deste momento não poderá mais existir qualquer tipo de preconceito no mundo.

Esta intervenção vingará por 38 anos e espero que com esse tempo todos se acostumem com essa regra.

Praticar um ato de preconceito fará com que a pessoa receba um aviso, no segundo aviso ficará isolada por um mês em uma instituição para que receba medidas socioeducativas e se arrependa do crime cometido.

(Julia Vidal)

Guerra contra o desnecessário

Aos seres humanos,

Venho avisar que a partir de hoje não poderão mais gastar dinheiro à toa. Todos poderão gastá-lo apenas para suas necessidades básicas ou para ajudar pessoas necessitadas.

Tudo aquilo que for comprado além do necessário desaparecerá instantaneamente.

Esta intervenção irá durar 40 anos, a fim de que todos aprendam como podemos viver com o essencial. Após esse período, vocês poderão gastar com o seu lazer e espero que seja com moderação.

(Larissa Leal)

Não ignore este aviso

Prezados,

Informo-lhes que, a partir do momento presente, todo ser humano que cometer qualquer tipo de ignorância (desrespeito) será penalizado.

Isso continuará até daqui a nove anos terrestres, tempo suficiente para que aprendam a importância desta regra. Caso um indivíduo volte a cometer atos de ignorância, terá que pagar por todos os seus erros cometidos através de auxílios à população.

Se após este período tudo ocorrer como o esperado (um mundo sem ignorância), iremos presenteá-los com uma maravilhosa surpresa.

(Mariana Bizzo)

O preço de seus atos

Boa noite!

Comunico a todos que a partir deste instante todos aqueles que cometeram ou cometerem um crime se tornarão estátuas de pedra. Eu observei ao longo dos anos que o gênero masculino, principalmente, é o que tem cometido mais crimes, destacando o assédio sexual.

Dito isto, todo homem ou mulher que tenha cometido um crime se transformará em estátua de pedra como forma de pagar por seus atos, refletir sobre os crimes que cometeu, além de servir de exemplo para que os outros tenham mais respeito pelo próximo, por ser este agora tão raro.

Adeus.

(Vitor Braga)

Fim da transmissão

Expediente

Editoria e revisão: *Ivi Barile e Mônica Scheer*

Autoria dos textos e ilustrações: *alunos dos 6º, 7º e 8º anos / 2014 - Aldeia Curumim*

Design e diagramação: *Bernardo Nemer*

Capa: *alunos dos 6º, 7º e 8º anos / 2014 - Aldeia Curumim*

Apoio institucional: *Lúcia Cantarino Gonçalves e Marcelo Cantarino Gonçalves*



www.aldeiacurumim.com.br



ALDEIA CURUMIM

40 anos em 2013

www.aldeiacurumim.com.br